

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Mestrado Profissional em Educação e Docência

Lucas Neves Coimbra

Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio.

Belo Horizonte

2018

Lucas Neves Coimbra	Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio.	2018
------------------------	---	------

Lucas Neves Coimbra

Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amália de A. Cunha.

Belo Horizonte

2018

C679d
T Coimbra, Lucas Neves, 1990-
Diálogos além dos muros da escola [manuscrito] : a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no ensino médio / Lucas Neves Coimbra. - Belo Horizonte, 2018.
103 f., enc, il.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora: Maria Amália de Almeida Cunha.
Bibliografia: f. 92-95.
Anexos: f. 96-103.

1. Educação -- Teses. 2. Sociologia -- Estudo e ensino (Ensino médio) -- Teses. 3. Sociologia -- Métodos de ensino -- Teses. 4. Ensino audiovisual -- Teses. 5. Ensino -- Meios auxiliares -- Teses.
I. Título. II. Cunha, Maria Amália de Almeida, 1972-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 301.07

Catálogo da Fonte* : Biblioteca da FaE/UFMG

Bibliotecário[†]: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O
(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica[‡].)

* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou **fazer inserir declaração falsa** ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º – “É **obrigatório** que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos”.

‡ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou **alterar** documento público verdadeiro..."

Dissertação intitulada **Diálogos além dos muros da escola**: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio, de autoria do mestrando Lucas Neves Coimbra, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades.

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Amália de Almeida Cunha (FAE-UFMG)

Orientadora

Profa. Dra. Clarisse Maria Castro de Alvarenga (FAE-UFMG)

Profa. Dra. Juliana Batista dos Reis (FAE-UFMG)

Profa. Dra. Celia Maria Fernandes Nunes (Suplente)

Prof. Dr. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira (Suplente)

À minha mãe Maria Lenice (in memoriam),
que se faz presente todos os dias de minha
vida.

AGRADECIMENTOS

A cada momento vivido torna-se mais evidente, em minha percepção, a importância dos encontros ao longo de nossa trajetória – que com intensidades e durações distintas, de maneira direta ou indireta, fazem parte do constante (re)construir das nossas vidas. Recorro a um pequeno dicionário que me acompanha desde o ano de 2001, e mais precisamente na página 590 encontro o significado para a palavra **Reflexão**: *(cs) sf.1. Ato ou efeito de refletir (-se). 2. Volta da consciência, do espírito, sobre si mesmo, para exame de seu próprio conteúdo. 3. Ponderação, observação.*

Gostaria, portanto de agradecer imensamente a todas e todos que contribuíram para tantas reflexões e pensamentos que orientam minha conduta e, de alguma forma, se materializam também na realização desse trabalho, mas que extrapolam e se fazem presente em todos os âmbitos de minha vida. Desculpando-me de todas e todos que por acaso tenha esquecido de citar ao escrever o texto, mas que também foram importantes com toda certeza. A ordem dos agradecimentos é mero detalhe e não está relacionada com a importância.

Agradeço profundamente à minha família por todo amor incondicional e por sempre ter garantido as condições e oportunidades para estudar, incentivando e me mostrando o real valor do estudo e do conhecimento. Às avós Terezinha e Luzia (in memoriam), que com as muitas histórias e ensinamentos “dos antigos”, mostraram-me que o conhecimento é um dos bens mais valiosos, além da fé, da gratidão e do respeito com as outras pessoas. À minha mãe Maria Lenice (in memoriam) por ter me mostrado e feito sentir o maior amor possível. Por ser exemplo de força e superação, uma guerreira. Minha rainha. Meu pai Pedro por ter sido sempre motivo de orgulho e minha maior fonte de inspiração, pelo exemplo de sua trajetória de vida e por me ensinar a importância de sonhar sempre. Por sua luta e história na Educação. Minha irmã Luana, a quem eu amo cada dia mais. Pela convivência tranquila, por compartilhar e dividir comigo o dia-a-dia longe do restante da família. Um ponto de apoio e incentivo fundamentais.

Ao irmão que a vida me deu, André Luiz Araújo. Pelas trocas de experiências, por estar comigo em tantos momentos importantes e fazer sentir-me à vontade “para ser o que for, e ser tudo”. Às grandes amigas encontradas na graduação - com as quais aprendi muito do que sei e acredito, pelas enormes contribuições nos aspectos acadêmicos e pessoais de minha trajetória. Principalmente João Pedro e Ceceu por tudo que sempre aprendemos juntos, uns com os outros – “gradicido”, meus camaradas! Aos professores, responsáveis por minha importante formação profissional e por mostrar, na prática, que as relações são determinantes

nos processos de ensino e aprendizagem. Geraldo Élvio Magalhães e Juarez Dayrell, por todo apoio e confiança ao longo de minha formação no curso de Ciências Sociais.

Aos colegas e professores do PROMESTRE, por terem compartilhado os processos de construção dos conhecimentos e as experiências vividas nessa etapa, além das valiosas e importantes indicações bibliográficas para minha formação enquanto pesquisador. À Professora Amália por acreditar em meu potencial e capacidade, pela enorme contribuição em meu desenvolvimento intelectual, pelos ensinamentos, críticas e sugestões – sempre pertinentes, e pelo imenso carinho e compreensão em todo o tempo de orientação. Ao professor Juarez pelo carinho e interesse em ler o trabalho, além da enorme contribuição no exame de qualificação. À professora Clarisse por sua gentileza e disponibilidade, pelas indicações e pela sensibilidade em me mostrar noções para imaginar diálogos entre Cinema e Educação.

A todas as pessoas que nos últimos quatro anos também têm sido minhas alunas e meus alunos, obrigado por me tornarem o que sou hoje. Aos respeitáveis profissionais da Educação com os quais tenho convivido em minha prática docente na rede pública do Estado de Minas Gerais. Agradecimento especial ao Professor e Diretor Vamberto pelas conversas, ensinamentos, confiança e apoio durante esse período. À Escola Estadual Francisco Menezes Filho e toda sua equipe, por ter me recebido tão bem – enquanto professor e enquanto pesquisador. Às alunas e aos alunos que participaram como voluntárias e como voluntários desse trabalho, e que sem os quais não seria possível sua realização. Muito obrigado pelos ensinamentos e pela excelente relação que tivemos!

*Num confunda diploma com vivência e visão
(não).*

Emicida

RESUMO

O trabalho foi desenvolvido com o objetivo de pensar o audiovisual como uma forma possível de ministrar e construir o conhecimento sociológico com os alunos Sociologia no Ensino Médio e, com a concretização de uma produção audiovisual, possibilitar a experimentação e a vivência de uma outra prática pedagógica. A pesquisa buscou, através de um modo específico de narrativa, como o recurso audiovisual, possibilitar a condição de autoria dos jovens alunos de repertório temático para a disciplina de Sociologia no Ensino Médio. Procura-se sinalizar possibilidades de encontro em situações existentes na relação entre ensino e aprendizagem na perspectiva do professor e do aluno. Mostrar como, a partir dessa vivência, as práticas pedagógicas no ensino da disciplina constituem o cerne dos sentidos e significados atribuídos e experimentados na relação de ensino e aprendizagem. Dessa forma, legitimando as narrativas dos jovens alunos enquanto produtoras e criadoras, fundamentais na constituição de saberes e conhecimentos sociológicos no ensino médio público em uma escola de Belo Horizonte-MG. A intervenção e o desenvolvimento da pesquisa aconteceram a partir de um olhar etnográfico e contou com Oficinas para produções Audiovisuais durante o processo. O presente trabalho espera ressignificar espaços e saberes da prática docente, a partir da experimentação de uma prática que reconheça a importância dos sujeitos nos processos de mudanças necessários na educação.

Palavras-chave: Audiovisual; Sociologia; Ensino Médio

ABSTRACT

The work was developed with the aim of thinking the audiovisual as a possible way to teach and build sociological knowledge with the students Sociology in High School and, with the realization of an audiovisual production, to enable experimentation and the experience of another pedagogical practice . The research sought, through a specific way of narrative, as the audiovisual resource, to enable the condition of authorship of the young students of thematic repertoire for the discipline of Sociology in High School. It seeks to signal possibilities of encounter in existing situations in the relationship between teaching and learning from the perspective of the teacher and the student. To show how, from this experience, pedagogical practices in the teaching of the discipline constitute the core of the meanings and meanings attributed and experienced in the relation of teaching and learning. Thus, legitimating the narratives of young students as producers and creators, fundamental in the constitution of knowledge and sociological knowledge in public high school in a school in Belo Horizonte-MG. The intervention and the development of the research happened from an ethnographic look and counted on Workshops for Audiovisual productions during the process. The present work hopes to re - signify spaces and knowledge of teaching practice, based on the experimentation of a practice that recognizes the importance of subjects in the processes of necessary changes in education.

Keywords: Audiovisual; Sociology, High School

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mensagens trocadas pelos estudantes no grupo de WhatsApp, sobre a rádio.	36
Figura 2 - Mensagens com assuntos e informações referentes à escola.....	37
Figura 3 – Mensagens com relevância para discussões de gênero e sexualidade.	38
Figura 4 - Cena de Arrival of a Train at La Ciotat (The Lumière Brothers, 1895).....	72
Figura 5 – Cena do filme O Palhaço (Selton Mello, 2011) comentada em vídeo do projeto Experimentar o Cinema (Inventar com a Diferença, 2017).....	73
Figura 6 – Um Dia de Estudante (Victor Nogueira, 2012).....	74
Figura 7 – Cena do documentário O mundo global visto do lado de cá (Sílvio Tandler, 2006)	75
Figura 8 - Cena do primeiro registro audiovisual apresentado no 3º encontro da pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018).....	76
Figura 9 – Cena do segundo registro audiovisual apresentado no 3º encontro da pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018).....	77
Figura 10 – Cena do terceiro registro audiovisual apresentado no 3º encontro da pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018).....	79
Figura 11- Cena mostrando o processo de edição da produção audiovisual final da pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018).....	82
Figura 12 - Cena gravada na Praça Engenheiro Jorge Mansur, ao lado da Escola Francisco Menezes Filho. Produção audiovisual final pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018)	83
Figura 13 - Cena apresentada em vídeo no 3º encontro e editada para a produção audiovisual final da pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018)	84
Figura 14 - Cena mostrando os créditos da produção audiovisual final pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018).....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Planejamento do 1º encontro	58
Tabela 2 - Planejamento do 2º encontro	64
Tabela 3 - Planejamento do 3º encontro	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBC	Currículo Básico Comum
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais pro Ensino Médio
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EUA	Estados Unidos da América
MC'S	Mestres de Cerimônia
MG	Minas Gerais
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID	Programa de Iniciação e Bolsas de Incentivo à Docência
RAP	Rythym and Poetry
Sind-Ute/MG	Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE TABELAS	12
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	13
CAPÍTULO 1	15
1. Um Narrador-personagem.....	15
CAPÍTULO 2.....	20
2. Pré-produção:	20
2.1 Introduções ao Roteiro.....	20
2.2 Considerações sobre o local e trama dos acontecimentos	24
2.3 Dos objetivos	27
CAPÍTULO 3.....	29
3. Planejamento da produção	29
3.1 Percursos Metodológicos.....	29
3.2 Reflexões acerca das escolhas e implicações metodológicas.....	31
3.3 Panorama geral dos encontros para a produção audiovisual ou Metodologia do produto	32
3.4 A escolha do local	34
CAPÍTULO 4.....	39
4. Sinopses	39
4.1 O audiovisual como personagem na trama das relações	39
4.2 Pra quê Sociologia no Ensino Médio ou qual é a cena?.....	42
4.3 Imagens em movimento: retratos da escola	48
4.3.1. O turno da Manhã:.....	50
4.3.2. O turno da Tarde:	51
4.3.3. O turno da Noite:.....	53
CAPÍTULO 5 –	56
5. Roteiros	56
5.1 Descrições das atividades realizadas.....	56
CAPÍTULO 6.....	82
6. Pós-produção	82
6.1 Análises preliminares.....	82
6.2 Considerações Finais	86
Referências Bibliográficas	92
ANEXOS	96
ANEXO 1 - Proposta de intervenção política.....	96
ANEXO 2 - Proposta artístico-cultural	97
ANEXO 3 – Parecer Consubstanciado do CEP	100

CAPÍTULO 1

1. Um Narrador-personagem

Minha experiência enquanto profissional na área da educação tem sido marcada por práticas e aprendizados interessantes e importantes, além de múltiplos e diversos. Para além de uma profissão, o que tenho vivido ultimamente são inúmeras situações e possibilidades para questionamento e aprendizado acerca da minha maneira de viver e de me relacionar com o mundo e com as pessoas. Tão marcante quanto esse aspecto pessoal, posso dizer que essa experiência evidencia e coloca como prioridade nesse tempo que tenho para viver, a urgência e a vontade de poder somar forças para mudar uma realidade que, de acordo com minha percepção, é cruel¹.

Concluir um curso de mestrado profissional - que de acordo com o objetivo principal escrito no site do programa “visa desenvolver conhecimento e formar profissionais capacitados para a produção e avaliação de materiais didáticos, a criação e o aprimoramento de novas metodologias e tecnologias de ensino” – é, a meu ver, essencialmente uma atitude política que entra em consonância com a reflexão sobre a minha vida.

Essa reflexão aprofunda o meu entendimento sobre a importância de encontrar formas ativas de intervir nessa realidade. Penso nessa importância quando vejo, por vezes, o professor de sociologia que não percebe sua prática de maneira sociológica. A Sociologia, por excelência, é a sistematização da reflexão sobre as práticas e processos sociais. Um professor que teve sua formação pautada por essas discussões mas que exerce sua prática docente sem vivenciá-las, ao meu ver, contribui para a reprodução das desigualdades existentes nos processos educacionais experimentados principalmente no contexto brasileiro da educação pública no ensino básico.

Minha trajetória acadêmica foi marcada pelos estudos sobre educação, onde ainda no início do curso de graduação em Ciências Sociais na UFMG (segundo semestre do ano de 2009), optei por fazer dupla vinculação (licenciatura-bacharelado). Enquanto ainda era estudante da graduação a Universidade reconfigurou os currículos e extinguiu a possibilidade de fazer as duas modalidades simultaneamente. Optei então por continuar no percurso da Licenciatura.

¹ Cruel quando constatamos as condições encontradas no cotidiano da Educação Básica pública no Brasil. Um sistema que, por vezes, é extremamente meritocrático e não consegue possibilitar maior igualdade de condições para jovens estudantes de diferentes classes sociais. Por outro lado, também não cria uma carreira profissional sólida que permita planos para valorizar a condição docente. Em minha percepção a crueldade surge do fato de que o tensionamento das estruturas desse sistema reflete também os tensionamentos dos sujeitos e suas trajetórias envolvidas nos processos.

Os estudos sobre educação, didática e docência começaram a fazer mais sentido quando entrei no PIBID/Sociologia (Programa de Iniciação à Docência) onde fui bolsista por três anos. O programa tem como objetivo promover uma parceria entre estudantes de licenciatura, professores universitários e docentes da educação básica da rede pública de ensino. Com a orientação e supervisão dos docentes, os estudantes devem desenvolver e participar de atividades didático-pedagógicas nas escolas. A importância do programa em minha formação está relacionada principalmente à possibilidade da vivência prática de uma experiência docente no ambiente escolar. A oportunidade de se estreitar a discussão entre licenciandos e professores é imprescindível. Dessa forma é possível realizar, por exemplo, um ótimo estudo sobre metodologias de ensino e sua efetividade no processo educacional. A experiência proporcionada pelo programa é, sem dúvida, determinante na formação de um bom educador.

Lembro-me que discutíamos bastante a respeito do nosso lugar enquanto estagiários. Deveríamos apenas observar a aula, identificando seus procedimentos e métodos ou também assumir o papel de sociólogo, ampliando as visões do projeto e, conseqüentemente sua complexidade? Essa experiência prática pôde me proporcionar reflexões sobre as relações vividas no contexto escolar e suas influências nos processos educacionais de maneira mais abrangente.

Ainda na graduação participei durante um ano de um projeto de extensão no Observatório da Juventude- grupo de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação da UFMG-, onde me aproximei das discussões sobre os jovens sujeitos envolvidos nos mais diversos processos de educação. É importante mencionar que nessa oportunidade trabalhei com uma rede social criada para os jovens promoverem e socializarem conhecimentos e experiências acerca do Ensino Médio – o Portal EMDiálogo. O portal está hospedado no endereço: <http://www.emdialogo.uff.br>. Destinado aos jovens estudantes do ensino médio público brasileiro, tem como um de seus objetivos, o de fomentar as discussões entre os sujeitos envolvidos nesse processo, bem como a produção de conhecimento a partir de suas ações. Articulando-se em torno das temáticas da juventude e da escola de ensino médio, pretende-se que sua atuação represente uma ponte entre a universidade e as escolas.

Caracterizaria essa experiência como tendo sido um período intenso e de grande produção. Desenvolvemos várias atividades e trabalhos em parceria com diversos grupos, instituições e coletivos situados em contextos formais e não formais que de alguma maneira dialogam com a educação. Todo o registro e produção da equipe eram compartilhados *online* para retroalimentar o Portal e fomentar as discussões e troca de experiências com a

comunidade virtual. Considerando o caráter do trabalho apresentado nessa dissertação, é importante destacar minha participação na organização do III FESTIVAL DE IMAGENS EM DIÁLOGO. O IMAGENS EMdiálogo é um Festival de vídeos temático que tem como objetivo principal fomentar a realização audiovisual nas escolas como canal de comunicação para o diálogo sobre o direito à escola pública de qualidade. O Festival IMAGENS é organizado pelo Portal Ensino Médio EMdiálogo. A terceira edição do Festival ocorreu em Niterói, entre os dias 12 e 15 de novembro, de 2014, na Universidade Federal de Fluminense. O festival contou 151 vídeos inscritos, das cinco regiões do Brasil, de 16 estados mais o distrito federal. O tema dessa edição foi “Uma escola sem muros”. É possível acessar e conferir as produções no link: <http://www.emdialogo.uff.br/festival/2014>.

Os questionamentos, olhares e reflexões sobre as relações experimentadas nos processos educacionais também são centrais em minha prática profissional. Tudo começou quando em minhas primeiras aulas, como docente, percebi algumas reações que foram comuns a grande parte dos jovens alunos. O primeiro contato: no momento da minha apresentação notei grande curiosidade dos estudantes por eu ter idade próxima à idade deles. A grande parte dos jovens ficava quieta, esperando e ouvindo minha apresentação. Cabe aqui iniciar uma breve reflexão acerca da “cultura escolar”. Por que é estranha a presença de um professor jovem? Se, partindo do pressuposto (não que eu o compartilhe totalmente) de que eles estão ali para aprender, será que somente a figura do professor adulto mais velho, com sua posição estabelecida através da hierarquia, é quem pode levar o conhecimento ao jovem aluno? É claro que a experiência de uma carreira profissional não deve ser desconsiderada, absolutamente.

Entretanto, será que outras formas de se construir conhecimento não são válidas? Como podemos lidar com as formas e atribuições simbólicas dos comportamentos e dos papéis na escola? O que é ser professor? E ser aluno?

Nessa pesquisa parto do pressuposto de que os estudantes são sujeitos de suas próprias histórias e que possuem os conhecimentos necessários para sua construção, mesmo que possam não ter ciência disso. Para trabalhar nessa perspectiva precisamos repensar a atuação do professor no processo de ensino- aprendizagem. Penso que o professor, diante do exposto, deve tentar ser o mediador de contextos de reflexividade no cotidiano da sala de aula.

No momento em que os jovens alunos estão me escutando e prestam atenção em mim, eles estão, de certa forma, buscando algo novo, algo diferente do que eles estão acostumados a ouvir e que poderá ser apresentado da mesma maneira por grande parte dos professores.

Penso que o primeiro contato – a relação de alteridade *em situação* – é bastante

importante para se estabelecer a relação professor/aluno. Cabe ressaltar que essa relação deve estar consolidada em um processo constante de manutenção e ajustes necessariamente desempenhados pelos dois lados. Ao longo dessa experiência percebi que a docência é o lugar da relação. A reciprocidade no estabelecimento dos parâmetros dessas relações também é importante e permeia, a todo tempo, nosso trabalho.

No meio dessa reflexão algumas coisas chamam atenção. Estar vivendo e convivendo em minha profissão com aproximadamente 700 jovens semanalmente me toca profundamente. Me faz notar como o lugar do professor é o lugar da exposição, já que todos dirigem seus olhares ao seu corpo, suas roupas e postura, além da curiosidade dos jovens em saber onde você mora, se tem carro ou o que faz em outros momentos da sua vida, seu estado civil, etc..

Mas sobretudo como a delimitação dessa relação tem limites muito tênues porque o lugar do professor pode ser o lugar do amigo, do confidente, do conselheiro, do cúmplice, bem como do rival, do persecutor... Essa experiência me fez perceber que ter 700 jovens alunos é me transformar 700 vezes para me relacionar com cada um. E o mais importante é que apesar de não ser tarefa nem um pouco fácil, esse trabalho para mim é muito importante e gratificante pois além do enorme aprendizado e crescimento, desperta em mim o desejo de trabalhar o intelecto dos alunos com o subsídio do coração. E me transformar quantas vezes (para quantos jovens alunos) for necessário e lutar pelo reconhecimento dessa profissão, que é cuidadora.

Sempre atento ao que acontece em minha volta, fui ouvindo, conversando e percebendo que o assunto de várias das conversas dos estudantes, bem como suas histórias e narrativas, permeiam muito do conhecimento sociológico que (no meu papel de professor), devo colocar-me como interlocutor. Entretanto, penso que nossa experiência faria muito mais sentido se fosse compartilhada, se pudessemos construir efetivamente juntos algum conteúdo da disciplina. Nessa realidade precisamos pensar nas práticas, quais são os objetivos e quais são os resultados obtidos até então.

Somos tentados a pensar que a maior parte dos jovens alunos vive uma rotina. Os professores passam, o de sociologia só se vê uma vez por semana! As relações entre os alunos e os professores de outras disciplinas são provavelmente mais constantes- porque mais frequentes-, por isso propus-me a construir um objeto de pesquisa que me permite refletir acerca da minha própria vivência docente como uma aprendizagem permanente do meu ofício, mas que considera os jovens sujeitos envolvidos no processo de educação escolar e que sinaliza possibilidades de encontro entre duas situações muitas vezes distantes, mas que

considero inseparáveis: a relação entre ensino e aprendizagem na perspectiva do professor e do aluno e todos os desafios constantes nesta relação.

CAPÍTULO 2

2. Pré-produção:

2.1 Introduções ao Roteiro

“O zé, chega aí! Melhor professor que já tive... na moral”. Disse um jovem estudante ao me apresentar ao seu colega, em uma manhã do mês de maio de 2017 logo após eu ter passado pelo portão de entrada da escola. Aproximadamente um ano é o tempo que marca esse (re)encontro. A turma dele descia para participar de alguma atividade em outro ambiente e nos encontramos por acaso, ali mesmo no corredor. Eu então prontamente respondi: “e aí mano, tranquilidade?” E, depois de tê-lo cumprimentado, apertei a mão do colega a quem estava sendo apresentado. A professora que acompanhava a turma não me conhecia, mas parece ter entendido aquele momento porque também ouviu a primeira frase – dita com empolgação. Ela esboçou um sorriso, acenou em um leve cumprimento com a cabeça e seguiu acompanhando a maior parte da turma- que já havia passado por ali. Antes que eu dissesse aos jovens que continuassem, já que poderíamos conversar na hora do intervalo sem atrapalhar outras aulas e professores, o primeiro continuou sua frase: “Melhor professor de Filosofia, cê tem que ver, zé! Mó viagem as aulas dele!” E se dirigindo a mim, completa: “Vai voltar pra dar aula aqui, fessor?”

Fiquei alguns segundos pensando em como responder e então disse: “Pra dar aulas não, mas tô querendo fazer uma outra atividade com vocês aqui. Vou conversar com o diretor e depois devo passar nas salas explicando melhor. Agora vamo lá, a professora de vocês está aguardando...”

Enquanto me dirigia à sala do diretor da Escola Estadual Francisco Menezes Filho, localizada no bairro Ouro Preto – região da Pampulha, em Belo Horizonte, não conseguia parar de pensar na situação que acabara de acontecer e fiquei bastante intrigado com a seguinte questão: Como pode um aluno me considerar o melhor professor que ele já teve, mas dizer que sou professor de Filosofia? Ele se confundiu naquele momento ou realmente não sabe? Sociologia e Filosofia são disciplinas que parecem ser tão próximas assim?

Fiz um grande exercício de reflexão sobre esse acontecimento, pensando em meu lugar enquanto professor, pesquisador, sociólogo e também de alguém que em geral têm uma relação atenciosa com as pessoas. Acredito que esse foi um momento que contribuiu significativamente para muitas considerações contidas nesse trabalho e ao longo da dissertação retomarei essa situação para desenvolver outros argumentos.

É impossível pensar e refletir sobre a educação sem pensar nas relações. Quando

procuramos estudar, entender, refletir e questionar aspectos acerca da docência percebemos que tal reflexão só faz sentido quando olhamos atentos para as relações, sejam elas objetivas ou subjetivas, existentes entre as pessoas (professores, alunos, funcionários), e (as coisas) os aspectos físicos e simbólicos das escolas e suas práticas. Essa perspectiva - cada vez mais discutida e trabalhada no meio acadêmico, nas instituições formais de ensino e pesquisa, e que cada vez mais se coloca como norteadora nas políticas públicas para a educação no Brasil - constitui também um dos pontos de partida do trabalho aqui apresentado: pensado a partir do aprendizado de uma prática docente reflexiva - que considera a dimensão subjetiva da minha formação, das minhas experiências de vida e do meu modo particular de me relacionar com os jovens alunos.

Imagino que uma das causas do acontecimento acima relatado é o fato de que, em nossa experiência de professor e aluno, as relações e nosso convívio foram significativos o suficiente para que o conteúdo curricular não necessariamente caracterizasse e demarcasse nossa vivência, durante um ano no espaço escolar. Ao dizer que fui seu melhor professor ele está comparando nossa relação com outras que teve ao longo de sua formação escolar, mas posso dizer seguramente (nesse caso) que essa diferença não está, por exemplo, situada no fato de eu possuir mais conhecimento científico que os outros professores que ele teve, mas sim porque nossa relação foi singular e produziu significados distintos das outras por ele vividas.

Considerando as diversas mudanças estruturais nas relações contemporâneas e as tensões existentes na relação entre professores e jovens alunos, é necessário então que esses sujeitos aprendam a dialogar e a experimentar possibilidades. Minha prática reflexiva enquanto professor de Sociologia no ensino público suscitou uma série de questionamentos e inquietações acerca dessas relações, que consolidaram o problema (ponto de partida) e a construção do produto nessa pesquisa.

Acredito que pautando a prática docente a partir da reflexão, não só o professor mas também o jovem aluno podem reconhecer-se como envolvidos nesse processo complexo de educação que continuamente toca as pessoas e trabalha os conhecimentos. E que permite a troca dos saberes existentes em suas práticas – tanto da perspectiva discente, quanto da perspectiva docente.

É a partir dessas breves reflexões que apresento o problema de pesquisa; qual seja, em que medida pode-se pensar o audiovisual como uma forma possível de ministrar e construir o conhecimento sociológico com os/as jovens estudantes do Ensino Médio em uma escola da cidade de Belo Horizonte MG?

Partindo desse questionamento, trabalhei como objeto da pesquisa uma criação e experimentação audiovisual, em parceria com os jovens alunos. A produção e a elaboração audiovisual nas aulas de Sociologia como possibilidade de experimentação/vivência de uma outra prática pedagógica no ensino de Sociologia nesse contexto.

A pesquisa buscou entender se é possível, através de um modo específico de narrativa, como o recurso audiovisual, possibilitar a condição de autoria dos jovens alunos de repertório temático para a disciplina de Sociologia no Ensino Médio. Portanto, o trabalho procurou pensar em um objeto de pesquisa que permitisse refletir acerca da minha própria vivência docente como uma aprendizagem permanente do meu ofício, mas que considerasse os jovens alunos envolvidos no processo de educação escolar, e que sinalizasse possibilidades de encontro entre duas situações muitas vezes distantes, mas que considero inseparáveis: a relação entre ensino e aprendizagem na perspectiva do professor e do aluno.

Em consonância com o problema de pesquisa já mencionado, apresento algumas perguntas que buscaram ser respondidas com o estudo do objeto e a proposta de vivência dessa pesquisa. É possível ministrar e construir o conhecimento sociológico com os jovens alunos a partir do audiovisual? A experiência prática do fazer audiovisual é significativa e/ou determinante nesse contexto? A utilização dessa linguagem/recurso como prática pedagógica, em detrimento de outras, altera o sentido e relação dos estudantes com a disciplina da Sociologia?

Foi possível constatar, a partir da observação e registro etnográfico, que muitas das conversas desses estudantes tangenciam aspectos cotidianos relevantes para o campo da análise sociológica, ou seja, vão das discussões sobre lazer, relacionamentos e conflitos à questões políticas atuais, por exemplo. Nesse sentido podemos dizer que as narrativas desses jovens podem contribuir, de alguma forma, para a construção dos conteúdos e dos repertórios temáticos a serem trabalhados pela disciplina de Sociologia no Ensino Médio, na medida em que esses temas são e servem como objeto de estudo para a disciplina. Utilizando o audiovisual a legitimação desses discursos, olhares e caminhadas de vida poderia então surgir como possibilidade para a ressignificação das aulas de Sociologia, para a trajetória dos jovens enquanto alunos e para minha trajetória enquanto professor. Esse foi o ponto de partida do trabalho.

A escolha dessa forma de narrativa em detrimento de diversas outras, evidencia um olhar resultante de minha prática docente reflexiva, sobretudo no que diz respeito à minha percepção sobre os modos de ser, se reconhecer e se expressar desses jovens alunos. O audiovisual é uma narrativa da juventude que, embora muito particular, está presente no

ambiente escolar e na rotina de muitos jovens. Desta forma, este tipo de narrativa pode tangenciar diversos aspectos fundamentais para a construção do conhecimento sociológico no Ensino Médio.

Notou-se que não reconhecer os jovens alunos enquanto sujeitos socioculturais e deslegitimar suas narrativas na construção do conhecimento Sociológico, podem aprofundar o desinteresse, o não envolvimento e o não reconhecimento de suas histórias a partir de uma perspectiva sociológica. Principalmente quando essa deslegitimação se fundamenta nos discursos de negação das narrativas desses "jovens de hoje em dia", quando essas são narrativas que utilizam técnicas e meios da informática e tecnológicos em seus cotidianos, dentro e fora da sala de aula e escola.

Desta forma, é a partir destas breves e primeiras reflexões que explicito o recorte analítico dessa pesquisa a qual tem como ponto de partida a seguinte problematização: em que medida pode-se pensar o audiovisual como uma forma possível de ministrar e construir o conhecimento sociológico com os/as jovens estudantes do Ensino Médio em uma escola da cidade de Belo Horizonte- MG?

A escola onde o trabalho se desenvolveu fica localizada em um dos bairros mais valorizados da famosa região da Pampulha. O bairro Ouro Preto é conhecido pela proximidade com importantes cartões-postais da cidade de Belo Horizonte – o complexo Estádio do Mineirão, a Lagoa da Pampulha, a Igreja São Francisco de Assis, e o Campus da Universidade Federal de Minas Gerais, por exemplo – e também por contar com boa infraestrutura de lazer, comércio e serviços. A Escola Estadual Francisco Menezes Filho localizada à frente de uma praça com fácil acesso no bairro, tornou-se também, entre as escolas públicas da região, bastante valorizada. É possível notar essa valorização pelas próprias conversas dos profissionais da escola, que por diversas vezes destacavam seus pontos positivos ao compará-la constantemente com outras escolas da superintendência regional de ensino à que pertence. A partir de uma breve análise do quadro discente da escola foi possível perceber que os alunos matriculados não se restringiam ao bairro Ouro Preto, mas pertenciam a diversos outros lugares – sobretudo de bairros da região Noroeste da cidade. A grande procura por matrícula de pessoas que não necessariamente residem na comunidade é um indício de que a escola tem bom reconhecimento de seu trabalho e papel na rede estadual de educação.

2.2 Considerações sobre o local e trama dos acontecimentos

A questão/desafio que aqui apresento surgiu também em decorrência de uma atitude científica e intelectual do meu papel de professor de Sociologia da rede pública mas sobretudo, a partir das relações, das conversas, observações, trocas de ideias e parcerias com os jovens alunos com os quais tenho convivido ao longo de minha ainda breve experiência docente.

Compartilho da visão de Dayrell (1996), autor que considera a escola como um espaço sociocultural e que por isso deve ser compreendida também pela ótica da cultura, com um olhar mais denso que permita reconhecer o dinamismo no fazer cotidiano dessas relações. Os sujeitos envolvidos nessas relações estão inseridos em um processo permanente de construção, relação e interação social que é heterogêneo na medida em que existe uma ação recíproca entre sujeitos e instituição. A escola possibilita, ao mesmo tempo, a reprodução do velho e a possibilidade de construção do novo². Aprender os alunos como sujeitos sócio-culturais é reconhecer que esses jovens são indivíduos com historicidade, visão de mundo, valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos e comportamentos.

Pensar a escola como um espaço sociocultural é reconhecer, sobretudo, a centralidade dos processos de produção, consumo, manifestação, criação e ressignificação cultural protagonizados pelos jovens e existentes no ambiente escolar. A produção audiovisual surge nesse contexto como um campo de produção e fruição cultural muito consumido e utilizado por grande parte desses jovens alunos. Estudos feitos por Dayrell (1996), (2001) problematizam e evidenciam essas constatações em relação à música, por exemplo. E estudos mais recentes de Carrano e Dayrell (2014) bem como de Sales (2014), têm levantado a importância de reconhecer o mundo da cultura como um espaço privilegiado onde os jovens assumem papéis de protagonistas. Dentro desse contexto, também é notada a presença cada vez mais marcante das técnicas e tecnologias digitais entre os jovens.

Fui professor em cinco escolas da rede pública de ensino do estado de Minas Gerais e em todas sempre foi marcante e central a presença dos aspectos e questões mencionadas acima. Como cientista social talvez seja possível identificá-las e colocá-las em análise de maneira mais natural, quase que à luz de seus acontecimentos, embora isso não signifique ser

² O dinamismo inerente às relações sociais possibilita que os sujeitos envolvidos nesse processo de educação escolar formal se relacionem cotidianamente com circunstâncias e estruturas que, atreladas também às subjetividades de suas ações, podem ser modificadas ou reproduzidas- em diferentes graus. Gostaria de enfatizar a coexistência de permanências e transitoriedades das práticas no ambiente escolar, mas não na perspectiva de uma dualidade, oposição ou juízo de valor em relação ao “velho e ao novo”.

capaz de antevê-las ou antecipá-las para solucionar eventuais problemas ou encontrar soluções evidentes.

A trama de relações diárias em uma escola envolve diversos sujeitos e estruturas, em constantes processos de afirmações, negações e ressignificações de papéis e lugares. Acredito que pensar a escola na perspectiva proposta pelos autores se relaciona também com o reconhecimento dos saberes existentes nas práticas e vivências dos estudantes – sejam elas escolares, ou não.

Ainda segundo Dayrell (1996) é preciso entender os jovens como o resultado de um processo educativo amplo, que considera o cotidiano e as relações sociais. Pensar nos jovens alunos a partir dessa perspectiva é entender que eles possuem os conhecimentos necessários para a construção de suas próprias histórias, é entender também que só faz sentido falar em juventudes, no plural (DAYRELL 2009) por razões econômicas, políticas, culturais, e sobretudo de classe e grupos sociais.

Como exercício de reflexão dessas questões, em minha prática docente, procuro estreitar os laços de minhas relações com os estudantes a fim de (re)conhecê-los (da maneira mais ampla possível) em todas essas suas especificidades. Lembro-me de uma das comunidades do Portal EmDiálogo, que tinha como intuito justamente fomentar as discussões desses aspectos.

"A Escola Sabe o que Você Sabe?" É bom de matemática? Então, conta! Sabe cantar? Queremos ouvir! Faz desenhos incríveis? Mostra! É o rei ou a rainha do passinho? Solta o corpo pra gente ver! Poesia é seu forte? Nos encante! Tá sacando daquela fórmula de física? Joga para o espaço que a gente pega! Conhece história do mundo, do Brasil, da região ou do bairro? Estamos curiosos! São tantas coisas que sabemos e, muitas vezes, os professores e a escola não sabem que a gente sabe... E se mais gente disser o que faz e sabe, maiores as chances de compartilhamentos e trocas. Algo do tipo: você me ensina e eu te ensino...³

Penso que fazer essas e outras perguntas aos jovens, além de propor atividades que busquem compreender essas dimensões são um bom exemplo de como reconhecer, na prática, a escola como espaço sociocultural. Fanfani (2000) ao escrever sobre as *Culturas Jovens e a cultura escolar* enuncia uma lista de características que considera desejáveis e necessárias à uma boa escola para os jovens. São as seguintes:

³ Descrição de uma das comunidades do Portal EMDiálogo. Com nome "A escola sabe o que você sabe?" a comunidade tem como proposta o compartilhamento de vídeos, áudios ou textos onde os estudantes do Ensino Médio de todo o Brasil pudessem trocar saberes e experiências- mostrando e compartilhando o que sabem.

- a) Uma instituição aberta que valoriza e considera os interesses, expectativas, e conhecimento dos jovens.
- b) Uma escola que favorece e dá lugar ao protagonismo dos jovens e na qual os direitos da adolescência se expressam em instituições e práticas (de participação, expressão, comunicação, etc.) e não só se enunciam nos programas e conteúdos escolares.
- c) Uma instituição que não se limita a ensinar, mas que se propõe a motivar, interessar, mobilizar e desenvolver conhecimentos significativos na vida das pessoas.
- d) Uma instituição que se interessa pelos adolescentes e jovens como pessoas totais que se desempenham em diversos campos sociais (a família, o bairro, o esporte, etc.) e não só pelos alunos aprendizes de determinadas disciplinas (a matemática, a língua, a geografia, etc.).
- e) Uma instituição flexível em tempos, sequências, metodologias, modelos de avaliação, sistemas de convivência, etc. e que leva em conta a diversidade da condição adolescente e juvenil (de gênero, cultural, social, étnica, religiosa, territorial, etc.).
- f) Uma instituição que forma pessoas e cidadãos e não “expertos”, ou seja, que desenvolve competências e conhecimentos transdisciplinares, úteis para a vida e não esquemas abstratos e conhecimentos que só têm valor na escola.
- g) Uma instituição que atende a todas as dimensões do desenvolvimento humano: física, afetiva e cognitiva. Uma instituição na qual os jovens aprendem a aprender com prazer e que integra o desenvolvimento da sensibilidade, a ética, a identidade e o conhecimento técnico-racional.
- h) Uma instituição que acompanha e facilita a construção de um projeto de vida para os jovens. Por isso deverá desenvolver uma “pedagogia da presença” caracterizada pelo compromisso, a abertura e a reciprocidade do mundo adulto para com os adolescentes e os jovens (GOMEZ DA COSTA A.C. 1997 E 2000).
- i) Uma instituição que desenvolve o sentido de pertinência e com o qual os jovens “se identificam”. (FANFANI 2000 págs. 13 e 14)

Ao pensar o contexto da educação básica pública brasileira podemos perceber que não são poucas as características desejáveis, nem simples de serem alcançadas. É possível perceber, também, que as mudanças e transformações necessárias devem ser feitas em conjunto pelos sujeitos envolvidos nas instituições. Elas necessariamente perpassam o planejamento pedagógico, a organização e divisão de funções e tarefas, as atividades práticas, além, e fundamentalmente, das questões que envolvem as políticas públicas para a educação no Brasil.

Em minha prática, ao buscar a compreensão da escola com olhares e ouvidos atentos, percebi que os jovens alunos do ensino médio na escola onde o trabalho foi desenvolvido, em vários momentos e lugares, eram protagonistas em acontecimentos carregados dos conhecimentos que muitas vezes (de forma geral) a instituição escolar invisibilizava por não perceber e reconhecer que os estudantes eram e são capazes de construí-los. Anexados ao trabalho estão dois projetos⁴ idealizados e elaborados por estudantes da escola que exemplificam essa questão. Em ambos os casos no ano de 2016, enquanto ainda era professor na escola, fui convidado a participar de ações e intervenções com cunho político, artístico e cultural, protagonizadas pelos jovens alunos. É muito interessante perceber a preocupação dos jovens em elaborar projetos que atendam às exigências burocráticas do ambiente administrativo encontrado na escola pública, tais como a linguagem formal e a estrutura do documento, com o detalhamento da execução das atividades, justificativas, e até fragmentos de leis educacionais que amparam e corroboram com suas ideias.

2.3 Dos objetivos

O objetivo geral desse trabalho foi pensar e refletir de que maneira o audiovisual pode contribuir para o ensino da disciplina de Sociologia no Ensino médio.

Como objetivos específicos, em decorrência da proposta, surgem os seguintes pontos:

- Possibilitar a utilização da linguagem audiovisual pelos estudantes, como forma de expressão e engajamento enquanto sujeitos em seus cotidianos.
- Construir o conhecimento sociológico a partir da prática e vivência utilizando o audiovisual.
- Apontar, a partir da reflexão dessa vivência, possíveis contribuições acerca da presença e utilização do audiovisual na educação e na produção de conhecimento.

De forma geral procurou-se consolidar essa produção com os jovens alunos para ressignificar espaços e saberes da prática docente, experimentando uma prática que reconhece a importância dos sujeitos nos processos de mudanças necessários na educação - que legitima seus conteúdos como fundamentais na constituição dos saberes sociológicos nesse contexto, e que também valida suas técnicas e formas de ser e se expressar como produtoras e criadoras

⁴ Uma proposta de intervenção política e um projeto artístico musical. Os nomes dos envolvidos foram removidos das propostas para preservar as identidades.

de cultura e política.

CAPÍTULO 3

3. Planejamento da produção

3.1 Percursos Metodológicos

A intervenção e desenvolvimento da pesquisa foram previstos a partir dos seguintes pontos: mais especificamente enquanto professor/pesquisador dei continuidade à uma espécie de etnografia que tenho realizado ao longo de minha experiência docente (digo dessa maneira porque apesar de não fazê-la com o objetivo de publicá-la academicamente, a faço enquanto prática para reflexão e aprendizado de minha profissão). Essas implicações metodológicas são citadas por Lave (1996, p.162): a pesquisa etnográfica é um bom meio pra entender a aprendizagem como parte da prática. É útil para tentar focar as especificidades, ao mesmo tempo em que exige um compromisso para um enfoque abrangente sobre todos os participantes da mesma forma. As análises da autora buscam identificar no ambiente e nas relações práticas uma compreensão sobre a aprendizagem que não mais perpetue as divisões e dicotomias entre mente e corpo ou manual e intelectual, por exemplo.

Para obter as informações e realizar as reflexões, deixei-me ser afetado pela experiência na escola e a etnografia surgiu como um dispositivo metodológico capaz de contribuir para a produção de certo saber sobre as questões. Favret-Saada (1990) repensa a antropologia, principalmente no que diz respeito à dimensão do afeto no trabalho de campo:

[...] quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista do nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. "(FAVRET-SAADA, p.160)

Acredito que a dimensão do afeto contribui bastante para aguçar a sensibilidade dos olhares e percepções dos acontecimentos na escola. Deixando-me ser afetado em minha experiência enquanto pesquisador, pude perceber e notar diversos elementos fundamentais para as posteriores reflexões, sistematizações e construções dos conhecimentos.

Permeando esses trabalhos podemos destacar a importância do Olhar, do Ouvir e do Escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA 1996) enquanto etapas significativas do trabalho do antropólogo - realizado continuamente ao longo de todo o processo de vivência dessa pesquisa. A análise antropológica em muito contribuiu na percepção das diferenças históricas

dos sujeitos no tempo e no espaço, bem como as mudanças que ocorrem nas estruturas do sistema escolar. A importância das etapas permeia o processo como um todo e nas palavras do autor,

Assim sendo, procurarei indicar que, enquanto no Olhar e no Ouvir "disciplinados" – a saber, disciplinados pela disciplina- se realiza nossa "percepção", será no Escrever que o nosso "pensamento" se exercitará da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo quanto próprio das ciências voltadas à construção da teoria social. (CARDOSO DE OLIVEIRA p.15)

A pesquisa etnográfica foi realizada no período que compreende o mês de maio de 2017 a dezembro do mesmo ano. Foram observadas as relações no espaço escolar de maneira mais abrangente, e também, de forma mais específica, as interações nas aulas de Sociologia em uma turma do 2ºano do ensino médio no turno da manhã - com a colaboração da professora responsável. Os registros dessas observações foram feitos exclusivamente em um caderno de campo.

Além da etnografia, foi planejada a utilização de outro procedimento metodológico qualitativo – a entrevista. Inicialmente pensada para ser uma entrevista semi-estruturada, com objetivo de ser mais do que um subsídio ou elemento para discussão teórica e científica, mas para que (feita com sensibilidade) fosse um momento de escuta e participação dos pares envolvidos nessa experiência. Para Bourdieu (1997 p.104) “a entrevista pode ser considerada como uma forma de exercício espiritual, visando a obter, pelo esquecimento de si, uma verdadeira conversão do olhar que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida”.

Entretanto, no decorrer do trabalho não foi possível realizar a entrevista devido à necessidade de reprogramar os encontros por questões relacionadas a uma greve ocorrida no período- que será detalhada e explicada em um tópico específico nesse trabalho. Esperava-se também que a entrevista pudesse ser substituída por um questionário, a ser aplicado *online*⁵. O objetivo da aplicação desse questionário seria o de compreender a dimensão da presença da produção audiovisual no contexto escolar e verificar a relação dos alunos com essas manifestações. Todavia, o novo formato não permitiria captar com sensibilidade os aspectos desejados e, dessa forma, optou-se por sua não realização.

As escolhas metodológicas mencionadas acima tiveram como objetivo a

⁵ Utilizando o *Google Formulários*. Este é um serviço que tem por objetivo possibilitar a criação de formulários e questionários diversos. Disponível gratuitamente para todos que possuem uma conta *Google*, o serviço pode ser acessado em diversas plataformas como *web*, *desktop* e celular.

desnaturalização das relações e dos saberes envolvidos no contexto da pesquisa e vivenciados pelos jovens alunos e professores. Além desse aspecto, para o desenvolvimento do produto foi necessário utilizar também outras formas e meios para realizar a pesquisa e apresentar seus resultados.

3.2 Reflexões acerca das escolhas e implicações metodológicas

Haja vista a centralidade do tema nos percursos metodológicos, penso ser importante fazer uma contextualização e breve análise do processo de construção do conhecimento antropológico, enfocando o problema ético-moral na busca da coerência interna presente no fazer etnográfico.

Na antropologia, diversas escolas impuseram seus métodos e paradigmas, denotando ao fazer antropológico variadas faces ao longo de seu desenvolvimento histórico. É dentro deste contexto que aparece a antropologia interpretativa – propondo novos referenciais para a disciplina. Assim, cabe à antropologia não mais a busca de leis universais para o ser humano, mas sim a interpretação e tradução das culturas existentes. Portanto, o critério de cientificidade deve residir na estruturação lógica da pesquisa, na compreensão do fenômeno estudado e não mais em uma neutralidade e objetividade absolutas do conhecimento.

A antropologia interpretativa, como metodologia científica, gera, grosso modo, uma nova forma de abordagem na relação sujeito-objeto na pesquisa de campo e no estilo etnográfico. O processo de interação no campo consiste em um encontro intersubjetivo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, construído a partir das tensões entre identidade/alteridade de ambos.

Segundo Geertz, as culturas devem ser concebidas como textos, e a análise antropológica como interpretação sempre provisória. O autor acredita que é possível conhecer e interpretar outras culturas, produzindo traduções de outros modos de vida para a nossa linguagem. Clifford Geertz acredita também que estas condições se transformam em consequência da influência da escrita. O que ele sugere é a necessidade do pesquisador assumir maior responsabilidade por seu texto e pelas interpretações que produz. A etnografia é entendida por Geertz da seguinte forma:

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas

com exemplos transitórios de comportamento modelado.[...]Tratam-se de estruturas superpostas de inferências e; é o alargamento do discurso humano... (GEERTZ, p.20 e p.24.)

Com base nessas discussões é que me coloquei em campo enquanto pesquisador, buscando reconhecer o fundamento dialógico essencial à compreensão das realidades sociais, de forma a produzir um conhecimento mais compreensivo e menos objetivista nesses termos, visto que a sociedade e as relações vivenciadas no contexto escolar são compostas por processos intersubjetivos, permeadas por regras e aspectos institucionais ora mais, ora menos estáticos. A interpretação e a compreensão dos discursos extrapolam a simples explicação dos acontecimentos pelo pesquisador e essas reflexões se fazem importantes para entender o lugar e as limitações dos métodos no desenvolvimento dessa pesquisa.

3.3 Panorama geral dos encontros para a produção audiovisual ou Metodologia do produto

Pensando em um percurso metodológico para a concretização da proposta, foram realizados encontros, nos moldes de oficinas, na própria escola aos sábados pela manhã. O objetivo principal desses encontros, mediados pelo pesquisador, foi o de experimentar e vivenciar a produção audiovisual. Participaram do trabalho cerca de 10 estudantes (nem todos estavam presentes em todos os encontros) do 2º ano do ensino médio, não necessariamente da mesma classe. O critério para a escolha dos participantes foi a própria manifestação voluntária de interesse em participar da pesquisa após o convite ter sido feito, em todas as salas do 2º ano da escola no turno da manhã (4 turmas), com exposição e apresentação da proposta pelo pesquisador.

Como referência para a realização desses momentos, além da elaboração e seleção dos conteúdos utilizados, tomou-se como referência o acervo, as pesquisas e produções do projeto *Inventar com a Diferença*⁶. Segundo sua própria apresentação, “as propostas reunidas no site partem de um conhecimento acumulado em alguns anos no ensino de cinema na universidade e em diversas parcerias com escolas livres, cursos técnicos e profissionalizantes, oficinas, debates, mostras, seminários, congressos, aulas públicas e reflexões permanentes.”

O material do *Inventar com a Diferença* disponibilizado na internet contribuiu sobretudo para refletir acerca do seguinte questionamento: Como o cinema pode nos auxiliar na invenção de processos pedagógicos mais democráticos e emancipatórios, que ofereçam aos

⁶Consultado e acessado no site: <http://www.inventarcomadiferenca.org>

estudantes a possibilidade de atuar politicamente? É nesse sentido que o cinema e a produção audiovisual são, no contexto da pesquisa aqui apresentada, mais do que uma ferramenta ou uma tecnologia. São, de fato, formas de ver, pensar e inventar o mundo em que vivemos.

Outra referência importante foi o material didático do curso de audiovisual *Horizontes Periféricos* – projeto cultural financiado pelo Fundo Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Em sua apostila, na parte da apresentação dizem que “o foco principal é contribuir para a formação de indivíduos, ou grupos de indivíduos, que busquem estabelecer uma interação mais ativa com a produção audiovisual independente, voltada principalmente para a internet, seja produzindo conteúdos narrativos e estéticos diferenciados, transformando-se em potenciais multiplicadores, ou simplesmente engrossando a massa crítica tão necessária para esse meio.”

É a partir dessas e de outras referências – como em um encontro com a Prof. Dra. Clarisse Alvarenga – que a metodologia das oficinas foi se constituindo e sendo inventada. Não desconsidero minhas inúmeras limitações tanto teóricas quanto técnicas, mas a proposta de desenvolvimento dessa pesquisa situou-se e evidencia a análise das produções dentro do contexto educacional. No contexto educativo, há o entendimento de que o processo pode ser mais importante e significativo do que o resultado gráfico final da produção esperada. Os jovens alunos, nessa perspectiva, também desempenharam um papel central na participação e em sua realização.

As práticas realizadas no trabalho também tiveram como norte a chamada pedagogia de projetos⁷, entendida como uma postura pedagógica e não simplesmente uma técnica de ensino. A escolha por essa postura está baseada na importância dada na pesquisa às experiências vividas e nas reflexões a respeito da escola, os sujeitos que a frequentam e constituem e das práticas ali experimentadas. A professora Lúcia Helena Alvarez Leite aborda muito bem a questão ao dizer que:

Os projetos são processos contínuos que não podem ser reduzidos a uma lista de objetivos e etapas. Refletem uma concepção de conhecimento como produção coletiva, onde a experiência vivida e a produção cultural sistematizada se entrelaçam, dando significado às aprendizagens construídas. (LEITE, 1996)

⁷ A discussão sobre Pedagogia de Projetos não é nova. Ela surge no início do século, com John Dewey e outros representantes da chamada "Pedagogia Ativa". Já nessa época, a discussão estava embasada numa concepção de que "educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura e a escola deve representar a vida presente - tão real e vital para o aluno como a que ele vive em casa, no bairro ou no pátio" (DEWEY, 1897 *apud* LEITE, 1996).

Uma característica importante e central dos projetos é que eles criam situações de aprendizagem diversas a partir da problematização. Ou seja, é da busca por resolver situações problema que os jovens alunos opinam, discutem, debatem e experimentam alternativas como respostas às situações, colocando-se como protagonistas e desenvolvendo autonomia nas relações de ensino-aprendizagem.

3.4 A escolha do local

Em relação às questões metodológicas da pesquisa, pretendo discutir brevemente a escolha do local para a realização dessa experiência. Por se tratar de uma pesquisa realizada no PROMESTRE, acredito que a escolha do local de pesquisa esteve bastante relacionada à minha própria prática profissional. Discuto esse ponto porque penso que a proposta de estudo aqui apresentada é também fruto das experiências anteriores e subjetivas relacionadas às práticas docentes experimentadas por mim, que nesse sentido também ocupo o lugar de professor no mesmo ambiente em que fui pesquisador. Na medida em que o problema de pesquisa aqui apresentado pode ser encontrado em diversas escolas da rede pública de educação básica em Belo Horizonte, estabeleci alguns critérios para nortear a escolha do local de pesquisa.

O primeiro deles foi refletir sobre minha experiência enquanto professor de Sociologia:

- trabalhei em três escolas de Belo Horizonte e em uma escola na Região Metropolitana, em Contagem. Em todas as escolas que trabalhei o contato dos jovens com os meios digitais e as produções audiovisuais sempre esteve presente, manifestando-se em apresentações de trabalhos, em eventos culturais promovidos pelas escolas, através do comportamento e de expressões na fala, utilizadas pelos jovens alunos e que remetem à cultura digital.

O próximo critério estabelecido foi então o de verificar se a presença dessas manifestações na escola gerava algum conflito ou enfrentava algo que as inviabilizasse. Presenciei e percebi que em duas dessas escolas onde trabalhei a direção e outros professores eram indiferentes às manifestações dos jovens alunos e por vezes chegavam a impossibilitá-las na medida em que dificultavam o acesso aos espaços e equipamentos eletrônicos existentes na escola.

Portanto, a escolha ficou entre duas escolas, uma de Contagem e a outra de Belo Horizonte. As duas escolas permitiam que os alunos tivessem acesso às caixas de som e

microfones, por exemplo. Além de possuírem salas de informática e câmeras de vídeo acessíveis. Em conversa informal com a direção das escolas também verifiquei que as instituições estariam dispostas e abertas a me receber enquanto pesquisador.

Na Escola Estadual Francisco Menezes Filho, localizada no bairro Ouro Preto, por iniciativa e organização dos próprios jovens, um espaço durante o recreio que passou a ser palco para um Duelo de MC's da escola e posteriormente se transformou em uma rádio dos estudantes – onde há espaço, em cada dia da semana para um gênero musical, com destaque para o RAP mantido sempre às sextas-feiras.

Além desse espaço, foi criado um grupo no WhatsApp onde os alunos compartilhavam vídeos de eventos ocorridos na escola, divulgavam suas próprias produções e também discutiam (algumas vezes com um olhar sociológico) muitas questões do seu cotidiano. Esses foram os critérios que me levaram a escolher a Escola Estadual Francisco Menezes Filho no bairro Ouro Preto em Belo Horizonte, como local para desenvolvimento do trabalho de pesquisa aqui apresentado.

Com o intuito de ilustrar e reafirmar a importância e centralidade dessa iniciativa, para as discussões do trabalho, fiz um compilado de imagens com algumas mensagens trocadas pelos estudantes.

Figura 1 – Mensagens trocadas pelos estudantes no grupo de WhatsApp, sobre a rádio.



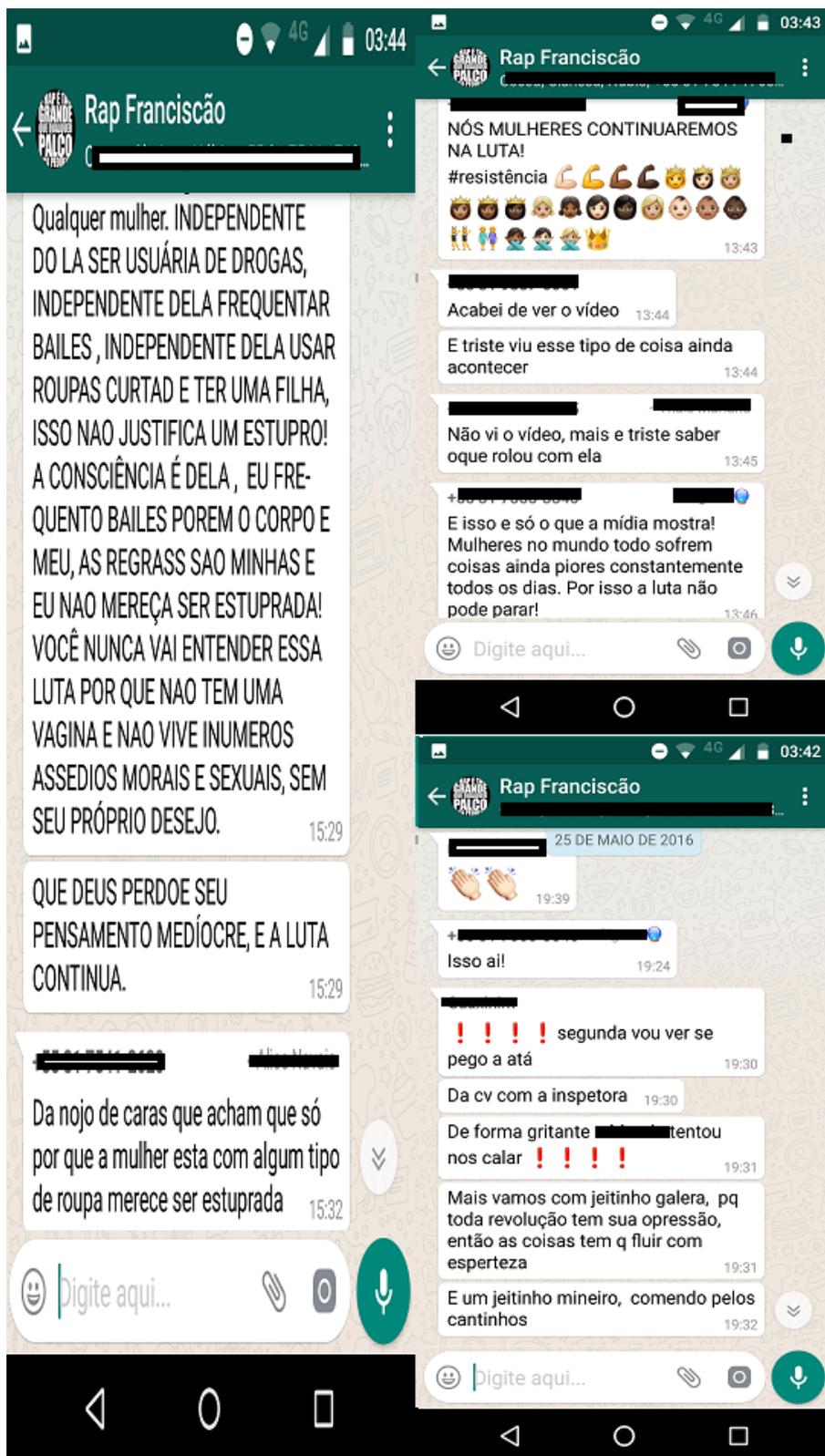
Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

Figura 2 - Mensagens com assuntos e informações referentes à escola.



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

Figura 3 – Mensagens com relevância para discussões de gênero e sexualidade.



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

CAPÍTULO 4

4. Sinopses

4.1 O audiovisual como personagem na trama das relações

Situações de ensino e aprendizagem constituem historicamente a experiência humana e não se restringem ao espaço escolar. Problematizo essa questão por considerar necessário o entendimento de que os processos educativos são amplos, diversos e complexos. Entender a escola, na perspectiva já discutida no trabalho, é ampliar o reconhecimento a respeito das práticas de ensino e aprendizagem. Amparo-me também nos argumentos sustentados por Holleben aos discutir os diálogos entre Cinema e Educação:

A escola como instituição social, criada para ser guardiã dos conhecimentos elaborados e acumulados pela humanidade, local legítimo onde o conhecimento se sistematiza e se distribuiu é, por extensão, considerada lugar de ensino e de aprendizagem. Entretanto, essa é uma concepção que tem sido relativizada, ao longo da história, especialmente a partir do final do século XIX. Se tomada em seu sentido mais amplo, situações de ensino e aprendizagem sempre existiram, ainda que difusas, antes mesmo de a educação se sujeitar à Pedagogia, criando situações próprias para seu exercício. (HOLLEBEN, 2007 p. 7)

A autora continua sua argumentação dizendo que, “desta forma, são inúmeros os contextos educacionais que temos disponíveis hoje - entre os quais, cinemas, teatros, escolas, igrejas, partidos políticos, praças, shoppings, clubes recreativos, e as mídias (jornais, revistas, programas de rádio e TV, Internet, etc. - exige de nós, educadores, determinados posicionamentos, sejam eles científicos e/ou éticos.” (pág.8).

Podemos notar a expressiva presença das imagens em movimento e do som em nossas relações cotidianas. São diversos os suportes e meios técnicos que produzem e reproduzem, a todo o momento, essa forma de comunicação e expressão. O consumo de produções da grande indústria cinematográfica têm se mostrado muito presente entre as atividades cotidianas desses jovens, principalmente com a possibilidade de exibição via *streaming*⁸ na internet. Os meios de comunicação em massa tradicionais, como a Televisão por exemplo, continuam presentes em nossos lares e veiculam produções audiovisuais para os mais variados telespectadores.

⁸ Streaming, em inglês: transmissão. É uma forma de transmissão instantânea de dados de áudio e vídeo nas redes que têm crescido cada vez mais pois permite que o usuário tenha acesso à filmes e músicas sem a necessidade de fazer download. Consequentemente torna-se mais rápido o acesso aos conteúdos online.

Mas, no contexto do desenvolvimento da pesquisa, talvez o fato que melhor justifique a escolha pelo audiovisual é o aumento significativo no uso dos dispositivos móveis e a consequente facilitação da produção, fruição e compartilhamento desse modo específico de linguagem. Diariamente os jovens fazem registros e narrativas dos acontecimentos e os compartilham através da internet, lugar onde a própria dinâmica de funcionamento das redes sociais digitais incentiva tal fruição. Os registros acontecem tanto espontaneamente quanto de forma “roteirizada”⁹, em muitos dos ambientes por eles frequentados - do quarto em casa à sala de aula, do transporte público aos espaços e lugares de lazer.

Sabendo que os jovens alunos estão cada vez mais utilizando, participando, divulgando, criando, experimentando e construindo formas de ser e se expressar através das tecnologias digitais; a legitimação dessas formas também se torna condição para que o conhecimento sociológico das experiências escolares tenha sentido e produza significado. Sales (2014) tem se debruçado sobre as ideias das tecnologias digitais evidenciando em seu texto a necessidade de se repensar o currículo do ensino médio:

Essa presença das tecnologias tem desafiado a educação, a atuação docente e tem modificado as cenas curriculares. Os currículos escolares têm sido frequentemente ocupados por diferentes artefatos tecnológicos. Tal presença pode ser percebida tanto nos *currículos formais* (propostas e planejamentos curriculares), quanto nos *currículos em ação*, ou seja, nas práticas em sala de aula nas escolas brasileiras. (SALES, 2014 p.230, 231)

Legitimar as narrativas dessas *juventudes* significa reconhecer que as tecnologias são um elemento constitutivo importante da cultura juvenil e, no sentido da discussão apresentada nessa pesquisa, aspecto que se apresentou como fundamental para entender a importância desses discursos na possibilidade de construção do conhecimento sociológico no contexto do ensino médio público em uma escola de Belo Horizonte.

Portanto, na medida em que essas mudanças estão presentes nas práticas cotidianas, elas podem ser igualmente observadas e analisadas dentro da escola e nas relações de ensino-aprendizagem, mais especificamente. A realização artística proposta no presente trabalho não pôde ser concebida sem a experiência do fazer. As discussões e reflexões acadêmicas e teóricas a respeito dessas práticas só fazem sentido se forem, de alguma maneira, vivenciadas.

⁹ Pensados e/ou planejados de forma narrativa. Minimamente elaborados considerando planos, cenas, ambiente, personagens, etc..

A escolha pelo audiovisual estava relacionada também à necessidade de concretização, de produção técnica como desdobramento dessa pesquisa a respeito das práticas de ensino e aprendizagem da Sociologia em uma escola pública na cidade de Belo Horizonte. Nesse sentido, Bergala (200*) apresenta alguns argumentos bastante pertinentes que ajudam a problematizar e justificar a experiência dessa prática, de fato:

Esse trabalho (acolher a arte -e o cinema- como um bloco de alteridade) cabe à escola? Tem ela condições de fazê-lo? Uma resposta se impõe: a escola, tal como funciona, não foi feita para esse trabalho, mas ao mesmo tempo ela representa hoje, para a maioria das crianças, o *único* lugar onde esse encontro com a arte pode dar. Portanto, ela deve fazê-lo, ainda que sua mentalidade e seus hábitos sofram um pequeno abalo. Pois, excluindo-se os “herdeiros” no sentido de Bourdieu, tudo o que a sociedade civil impõe à maioria das crianças são mercadorias culturais rapidamente consumidas, rapidamente perecíveis e socialmente “obrigatórias”. Aqueles que se opõem à arte na escola muitas vezes o fazem por um excesso de purismo, proclamando que tudo que vem da escola leva o selo da obrigação e não poderia, portanto, convir à abordagem da arte que deveria resultar de uma doce liberdade individual. (BERGALA, 2008 págs. 32,33)

Apesar de no início do capítulo a discussão ter apontado para uma desconstrução da exclusividade do espaço escolar nas relações e situações de ensino e aprendizagem, o texto de Alain Bergala auxilia bastante o necessário movimento de contextualização da escola no sentido e realidade apresentada nesse trabalho. Ou seja, reitero a constatação de que, em muitos casos, a escola pública da educação básica no Brasil é o único espaço possível de vivência e encontro com a arte e/ou outras formas de socialização, expressão e construção de conhecimentos.

Existe também um fator legal, do ponto de vista dos parâmetros para a Educação Básica que é pertinente à discussão aqui apresentada. Em junho de 2014 foi publicada no Diário Oficial da União a Lei nº 13.006 que determina a obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais aos alunos das escolas de educação básica brasileiras. O texto da lei diz que “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais.” A referida Lei se fundamenta na ideia de que a arte deve ser parte fundamental no processo educacional.

Apesar de estar situada em um outro contexto e conseqüentemente ter objetivos diferentes dos objetivos desse trabalho, a existência da Lei nº13.006 é importante sobretudo

para se refletir a respeito da presença das produções audiovisuais no ambiente escolar. A alteração na Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional com o acréscimo dessa determinação possibilita que as próprias práticas pedagógicas nas escolas sejam repensadas. Pensar em metodologias para o cumprimento dessa determinação envolve também reflexões mais amplas a respeito do próprio processo de produção dessas obras. Para que os propósitos e objetivos dessa Lei sejam concretizados se faz necessário pensar na relação entre Cinema e Educação, bem como na compatibilidade entre atividades pedagógicas e imagens fílmicas.

A autora Rosalia Duarte contribui com questionamentos e reflexões a respeito da presença de obras audiovisuais nas escolas e defende que a questão seja encarada pelos educadores, porque assim como a educação, o cinema também pode ser visto e apreendido como um processo de socialização.

Por incrível que pareça, os meios educacionais ainda vêem o audiovisual como mero complemento de atividades verdadeiramente educativas, como a leitura de textos, por exemplo, ou seja, como um recurso adicional e secundário em relação ao processo educacional propriamente dito. Defendemos o direito de acesso amplo e universal ao conhecimento, mas não defendemos o direito de acesso ao cinema – o Brasil é um dos países que o ingresso de cinema está entre os mais caros do mundo. Até quando ignoraremos o fato de que cinema é conhecimento? (DUARTE, 2002 p.20)

Através desses argumentos sustento que a produção audiovisual é uma importante experiência para refletir e ressignificar aspectos da relação de ensino e aprendizagem do conteúdo da disciplina de Sociologia em uma sala do ensino médio em uma escola pública de Belo Horizonte. Um aspecto fundamental dessa pesquisa é o de que, em contextos educativos, o processo de criação e produção pode ser mais importante do que o resultado gráfico final. Ou seja, mais do que produzir algo tecnicamente formidável, o processo e as experiências envolvidas nessas práticas frequentemente são bastante significativos para os sujeitos envolvidos. A pesquisa procurou entender como pode acontecer e quais são os limites dessa relação – a partir de uma experiência prática no contexto já mencionado.

4.2 Pra quê Sociologia no Ensino Médio ou qual é a cena?

A inserção dos jovens nesse processo educacional e sua compreensão enquanto protagonistas devem ser aguçadas através de discussões e de problematização. A

desnaturalização do cotidiano juvenil é imprescindível para alterar a interação com os adventos do destino e, conseqüentemente, proporcionar aos jovens outras escolhas.

Acredito que a Sociologia tem contribuições importantes principalmente quando pensamos no caráter social da educação. O sociólogo Émile Durkheim refletiu e escreveu a respeito da educação, sua natureza e o seu papel. Essa pesquisa e proposta de prática em uma escola da rede pública de Belo Horizonte não compartilha de todos os pressupostos funcionalistas desenvolvidos pelo autor como base ou referência a respeito da visão e entendimento do papel da educação, mas reconhece em algumas de suas definições, pontos importantes para reflexão e questionamento. A definição proposta pelo autor basicamente estabelece uma relação de educação pautada na determinação e na transmissão, de aspectos intelectuais e morais, das gerações adultas sobre as crianças. Como consequência dessa definição surge o caráter social da educação:

Resulta da definição precedente que a educação consiste numa socialização metódica da jovem geração. Em cada um de nós, podemos dizê-lo, existem dois seres que, apesar de apenas poderem ser separáveis por abstracção, não deixam de ser distintos. Um é feito de todos os estados mentais que apenas se ligam a nós mesmos e aos acontecimentos da nossa vida pessoal: é o que podemos chamar o ser individual. O outro é um sistema de ideias, de sentimentos e de hábitos que exprimem em nós, não a nossa personalidade, mas o grupo ou os grupos diferentes de que fazemos parte: as crenças religiosas, as crenças e as práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais, as opiniões coletivas de qualquer gênero. O seu conjunto forma o ser social. Constituir este ser em cada um de nós, tal é o fim da educação. Assim se mostra, aliás, a importância do seu papel e a fecundidade de sua acção. (DURKHEIM, 2011 p.54)

É nesse sentido que julgo pertinente as ideias do autor porque espera-se que a Sociologia, definida como a ciência das instituições sociais, ajude-nos a compreender as instituições e métodos pedagógicos. Existe uma relação direta entre o conhecimento e entendimento da sociedade e das relações de ensino e aprendizagem vividas nas escolas.

A sociologia, ao estudar os fenômenos sociais, procura identificar causas e efeitos normalmente camuflados pelo pensamento do senso-comum. A função do ensino da sociologia na educação básica, a meu ver, está relacionada à possibilidade de “balançar” as estruturas desses jovens, de fornecer elementos para que sejam capazes de olhar criticamente e não serem sujeitos passivos em suas relações na sociedade. Pensando nas relações desses sujeitos com as estruturas sociais, a desnaturalização que a sociologia se empenha em fazer

não pode estar dissociada de suas experiências vividas; elas necessariamente devem carregar um sentido, para que produzam significado.

A desnaturalização do cotidiano e das relações sociais – proposta pela disciplina e pelas orientações curriculares do ensino de sociologia no Brasil – deve ser feita também com o ambiente escolar, com as práticas ali exercidas e em relação aos estudantes. Essa função foi discutida por Dayrel e Reis (2007), no sentido de reconhecer que cabe ao professor de sociologia fazer da escola um campo de pesquisas. A discussão, formação e reflexão sobre questões da prática docente, das juventudes e da aprendizagem consolidam, portanto, esse lugar do professor/pesquisador de sua própria experiência. “O conhecimento sociológico da escola habilita o educador a compreender a sua função e, sobretudo, a orientar convenientemente os problemas pedagógicos (apud MENDONÇA 2007 p.4).

O trabalho do professor de sociologia, nessa parceria com os jovens alunos, deve estar permeado por intensas reflexões. Que consiga desnaturalizar e perceber o jovem como centro das questões sociológicas e escolares, e mais que isso, que tenha como foco a própria relação de aprendizagem situada na prática docente reflexiva. O ensino e a prática da sociologia também devem “fornecer elementos que contribuam na tarefa de individuação, estimulando o jovem a articular as diferentes expressões de sua identidade, a reconhecer seus desejos e a elaborar projetos de futuro.”(DAYRELL E REIS 2007 p.12)

Assim, a prática experimentada nesse trabalho situa-se em um contexto onde percebo a prática docente como uma relação fluida e particular, que envolve os jovens e suas perspectivas, trajetórias e experiências; bem como minha subjetividade, minhas vivências e percepções – essa relação é atravessada pelo conteúdo escolar de Sociologia. Nesse sentido é que os jovens alunos podem ajudar a construir colaborativamente currículos mais significativos para suas experiências escolares e de vida.

Entender as experiências pessoais em si mesmas e com os outros é a consequência da desnaturalização à qual a disciplina se propõe. Bauman e May (2010) nos ajudam a compreender esse objetivo quando nos mostram que, ao fazer isso, aspectos aparentemente familiares da vida podem ser interpretados de maneiras diferentes e inovadoras. O olhar sociológico diz respeito às maneiras de ver e aos dilemas e escolhas com que rotineiramente deparamos, mas sobre os quais frequentemente temos pouco tempo ou oportunidade de refletir.

Nosso objetivo é, assim, conduzir o pensamento nesses termos, e não segundo um “pensamento correto”. Queremos ampliar os horizontes de compreensão, mas não para corrigir alguma noção de erro, com uma ideia de verdade inquestionável. No

processo, esperamos encorajar uma atitude questionadora, na qual entender os outros nos permite melhor entender a nós mesmos com os outros. (BAUMAN e MAY, 2010 p.26)

Pensar no caráter dialógico da educação discutido sobretudo por Paulo Freire é importante para entender o papel do docente no contexto do ensino da Sociologia na educação básica. O diálogo com os jovens estudantes foi fundamental na medida em que aconteceu, considerando que a educação se faz em um contexto relacional, justificando assim a importância tanto do professor como mediador dos conteúdos científicos específicos da Sociologia, como das vivências e experiências dos sujeitos envolvidos no processo. O desenvolvimento do pensamento crítico sobre as relações cotidianas está intimamente ligado a essa percepção.

A importância dessa legitimação e da aproximação das investigações, reflexões e teorias das Ciências Sociais ao cotidiano dos jovens alunos está clara, seja na apresentação do objetivo principal no livro Sociologia (recebido na escola que leciono, referente ao Programa Nacional do Livro Didático para os anos 2015, 2016 e 2017), passando pelos documentos oficiais que norteiam o ensino da disciplina nas escolas (PCN, DCNEM e CBC), permeando as pesquisas acadêmicas (trabalhos citados ao longo do texto e nas referências bibliográficas) e latente nos discursos dos sujeitos envolvidos nos processos (os jovens alunos, os funcionários das escolas e pessoas da comunidade).

O que se percebe atualmente é que, por vezes, essa questão não se consolida na prática. Com essa pesquisa foi possível discutir e desenvolver uma dimensão objetiva da imaginação sociológica discutida por Mills (1959), qual seja: a capacidade de articular e estabelecer conexões entre aspectos da experiência individual e da vida do cotidiano com questões mais amplas relacionadas às instituições e fenômenos da vida social.

Iniciamos com a legitimação das narrativas dos jovens alunos enquanto aspecto importante para a construção do conhecimento sociológico neste contexto. Acredito que essa proposta auxilie na transposição das teorias das Ciências Sociais e quem sabe possa apontar novas possibilidades de construção de práticas e métodos mais significativos para os jovens alunos. Outra hipótese discutida e apresentada nesse trabalho é a de que as práticas experimentadas no contexto do ensino de Sociologia no ensino básico não podem estar dissociadas do novo cenário onde as tecnologias se fazem cada vez mais presentes em nossas vidas. A demanda pela modernização e incorporação dos avanços tecnológicos é cada vez mais crescente para as práticas cotidianas e corriqueiras. Entender essa relação foi

fundamental para traçar o caminho a fim de investigar de que maneira essas narrativas estão presentes no ambiente escolar e em que medida elas são legitimadas ou não também na construção dos conhecimentos escolares.

Propor uma ressignificação de alguns aspectos das aulas de Sociologia é reconhecer a hipótese de que as práticas pedagógicas no ensino da disciplina constituem-se como portadoras de sentidos e significados atribuídos e experimentados nessa relação de ensino e aprendizagem. Exemplificamos essa hipótese quando constatamos a pretensão de se ensinar, exclusivamente, a Sociologia com todo o seu rigor e dedicação científico-metodológicas (observada por mim ao conhecer e conversar com outros colegas professores de Sociologia na Educação Básica e também através de alguns professores durante meu curso de Licenciatura), que muitas vezes desconsidera o contexto da Educação Básica na rede pública de ensino, mais especificamente de Belo Horizonte.

Questões como a definição dos conteúdos a serem lecionados em cada série ou o curto tempo/frequência das aulas de Sociologia e a disponibilidade de recursos e meios para auxiliar o trabalho em sala de aula são frequentemente discutidos no ambiente acadêmico e escolar, evidenciando essa dificuldade. A disciplina científica própria da Sociologia que requer tempo, material, dedicação e espaços específicos para ser desenvolvida nem sempre encontra ambiente e condições favoráveis no contexto das escolas públicas.

Na tentativa de compreender o sentido da disciplina no ensino médio, Sarandy problematiza inicialmente as seguintes questões:

...deveremos dimensionar a importância da sociologia enquanto disciplina do nível médio e ensino, o que significa perguntar sobre seu sentido, buscar compreender o que ela tem de específico que não encontramos nas disciplinas de história, geografia ou filosofia; enfim, perguntar qual sua especificidade em relação às demais disciplinas de humanidades. Essa pergunta não é de fácil resposta e todo pesquisador da área de ciências humanas sabe que as fronteiras entre as suas diversas áreas são bastante tênues. E acrescenta-se a isso o fato de que transformar os saberes científicos em saberes escolares implica em um grau de diferenciação e criação de identidades entre as diversas disciplinas.(SARANDY, 2001 p. 1)

A necessária construção e afirmação dessa identidade, no raciocínio do autor, estão fundamentadas justamente no modo de raciocínio e métodos próprios da disciplina, qual sejam a desnaturalização, o estranhamento, o distanciamento e o olhar crítico sobre as relações sociais. Essas são as contribuições únicas que a Sociologia pode produzir no ensino

médio. O sentido da do ensino da disciplina é, portanto o desenvolvimento da chamada perspectiva sociológica.

Essa discussão é extremamente importante para o trabalho aqui apresentado porque nos ajuda a concluir que a escolha dos conceitos e/ou métodos utilizados pelos professores de Sociologia do ensino médio deve se apresentar como um meio para se atingir o fim que é justamente o desenvolvimento do olhar sociológico.

Mais que discorrer sobre uma série de conceitos, a disciplina pode contribuir para a formação humana na medida em que proporcione a problematização da realidade próxima dos educandos a partir de diferentes perspectivas, bem como pelo confronto com realidades culturalmente distantes. Trata-se de uma apropriação, por parte dos educandos, de um modo de pensar distinto sobre a realidade humana, não pela aprendizagem de uma teoria, mas pelo contato com diversas teorias e com a pesquisa sociológica, seus métodos e seus resultados. Nesse sentido, o objetivo do ensino de sociologia como, aliás, deveria ser o de qualquer ciência, é proporcionar a aprendizagem do modo próprio de pensar de uma área do saber aliada à compreensão de sua historicidade e do caráter provisório do conhecimento – expressões da dinâmica e complexidade da vida. (SARANDY, 2001 p.6)

Retomo o acontecimento narrado no início do Capítulo 2 para concluir essa discussão... *“Melhor professor de Filosofia, cê tem que ver, zé! Mó viagem as aulas dele!”*¹⁰ Apesar de serem disciplinas distintas, penso que a Sociologia e a Filosofia partilham algumas características importantes. A existência de perspectivas conflitantes, antagônicas e diferentes não se constitui problema para essas disciplinas, pelo contrário, a habilidade de questionamento, raciocínio e crítica só é desenvolvida a partir do confronto desses pensamentos e perspectivas divergentes. O jovem aluno, na experiência vivida no ensino dessas disciplinas no nível médio, é apresentado a escolas de pensamentos, autores e teorias elaborados em contextos históricos extremamente diversos - o que acaba por gerar visões e entendimentos acerca dos objetos estudados tão diversos quanto. A construção dos saberes dessas disciplinas passam, portanto, por ser capaz de estabelecer relações e pensamentos críticos a respeito do que é apresentado.

Ao me confundir com o professor de Filosofia, estaria o jovem fazendo alguma relação com esse ponto de encontro entre as disciplinas?

¹⁰ Frase dita por um estudante, ao me encontrar, em um dos dias das observações de campo.

4.3 Imagens em movimento: retratos da escola

Apresentarei alguns dados para situar e localizar o campo da prática dessa pesquisa, bem como reflexões e discussões pertinentes em relação ao trabalho de campo propriamente dito. Apesar de já ter trabalhado como professor no local escolhido para a realização da pesquisa, meu retorno como pesquisador foi marcado por outros olhares e experiências. Estar no ambiente escolar sem a necessidade de dar aulas é fundamental para ampliar a percepção dos espaços e do entendimento da dinâmica de ocupação dos mesmos na escola.

Como fonte de dados informativos foi utilizado o site <http://qedu.org.br> que organiza dados públicos oficializados pelo Ministério da Educação. A Escola Estadual Francisco Menezes Filho está localizada na região urbana da cidade de Belo Horizonte, em um bairro considerado de classe média/média alta. Com 95 funcionários segundo dados do Censo Escolar de 2015, a escola funciona nos turnos da Manhã, Tarde e Noite atendendo 1028 jovens alunos no Ensino Médio e 192 estudantes na Educação de Jovens e Adultos.

Minhas atividades de observação enquanto pesquisador tiveram início no mês de maio de 2017, uma quinta feira pela manhã – dia de cachorro quente! Ao chegar na escola por volta das 9h da manhã, enquanto aguardava o encontro já marcado com o diretor, dei uma volta pelo pátio e pude observar uma dinâmica atípica na escola. Sem precisar investigar muito, rapidamente fizeram questão de me explicar: *hoje é dia de cachorro-quente, fessor! tamo aqui na fila já, cê é loco?!* E ali estavam (não sei quais as táticas utilizaram para sair de suas salas de aula fora do horário previsto), um grupo de mais ou menos dez jovens, trinta minutos antes do horário do intervalo, esperando o cachorro quente que seria servido no lanche. Considerando o fato de que a saída e permanência de estudantes fora de suas salas durante o horário das aulas é controlada e restrita, esse acontecimento evidencia a utilização de estratégias diversas no espaço escolar e a partir dessa observação é possível perceber como as regras, as relações e os acontecimentos em uma escola são, constantemente, (re)significados e (re)produzidos...

O gosto dos jovens alunos pelo cachorro-quente é um comportamento que sempre notei ao longo de minha prática docente. O *hot dog* é uma comida típica dos Estados Unidos que se tornou muito popular aqui no Brasil. O lanche aqui normalmente é associado às comidas de rua¹¹ e acredito que essa característica, possivelmente possa se relacionar com o

¹¹ Comida de rua normalmente é aquela comida ou bebida vendida em ruas ou outros locais públicos, como mercados ou feiras, por vendedores ou ambulantes, muitas vezes em barracas de alimentos, tabuleiros ou carros

gosto dos jovens alunos na medida em que o cachorro-quente está presente e é bastante consumido nos espaços e lugares frequentados pelas juventudes. Imagino que esse consumo e gosto possam estar associados a diversos fatores, tais como a rapidez e facilidade no preparo, o custo normalmente acessível, ao sabor e também à influência da cultura norte-americana nas formas de viver e se comportar das juventudes contemporâneas¹².

Fiz então a reunião com o Diretor, onde expliquei e apresentei a pesquisa, suas metodologias bem com seus objetivos e resultados esperados. Fui bem recebido e notei que a escola estaria disposta a apoiar o desenvolvimento da pesquisa no que fosse possível e necessário. Foi possível perceber também que o Diretor mantém bom relacionamento com os jovens alunos, e com os funcionários da escola. Em alguns momentos nossa reunião foi interrompida por funcionários e estudantes com demandas variadas, mas que foram prontamente ouvidas com atenção pelo Diretor. Se observarmos nos corredores da escola, a boa relação dele com os jovens fica evidente nos breves diálogos entre uma aula e outra. Alguns até expressam o desejo em “tê-lo” como Diretor em mais um mandato¹³: *Roberto*¹⁴, *querido! Vou votar em você no ano que vem de novo, ein?!*

A primeira imagem da escola, conhecida na região como **Menezes**, é a de uma instituição que, apesar de fazer parte do falido sistema público de educação (assim por alguns chamado), não compartilha com diversos dos problemas facilmente notáveis existentes nesse “sistema”. Em outras palavras, notei que a escola poderia figurar como exceção se comparada às demais espalhadas por todo o país. Embora tenha mencionado tal fato, não penso ser possível nem desejável que todas as escolas tenham as mesmas características, penso que a escola deve estar inserida no contexto da realidade social que a circunda. Esse foi um dos retratos construídos por mim, a partir de minha experiência e tendo notado, sobretudo, os aspectos físicos e estruturais da escola.

A escola possui em suas dependências, além dos espaços básicos (salas de aula, banheiros e cozinha) biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra de esportes, vestiários, sala para atendimento especial, sala de trabalho e de “descanso” para os professores e sala específica para as aulas de Artes. Pelo que percebi através das observações,

de comida.

¹² Acredito que existam estudos específicos para abordar e investigar os hábitos alimentares das juventudes. Apresento esse breve parágrafo por acreditar ser uma possível interpretação, feita a partir de um olhar etnográfico, de um acontecimento registrado em meu caderno de campo da pesquisa.

¹³ Na rede estadual de educação de Minas Gêrias os candidatos à direção e vice-diretores são escolhidos por eleição, com voto universal. Podem votar os alunos e seus responsáveis, além dos profissionais que trabalham na escola. A duração do mandato é prevista para três anos.

¹⁴ Nome fictício utilizado para preservar a identidade do servidor.

todos os espaços estão disponíveis e são utilizados com certa frequência pela comunidade escolar. Funcionando inclusive o Programa Escola Aberta¹⁵, onde aos sábados no período de 7h às 12h da manhã a escola se encontra aberta para que a comunidade utilize seus espaços e estrutura física. Apesar de ter observado com maior detalhamento e cuidado possível, não percebi uma questão intrigante, que só a partir da pesquisa dos dados informativos na internet pode se fazer presente. Embora tenha sanitários acessíveis aos portadores de deficiência, as dependências da escola não são acessíveis.

Para ter subsídio e elementos para pensar e fazer a escolha dos participantes da pesquisa, frequentei o Menezes nos turnos da manhã, tarde e noite, em dias alternados. Notei claramente grande diferença entre os estudantes e até mesmo no modo de funcionamento da escola, de acordo com os turnos. Através da observação e de conversas informais com os estudantes e funcionários nos horários livres e de recreio, pude traçar, de forma preliminar, essa diferença no perfil da escola.

4.3.1. O turno da Manhã:

O turno é frequentado por estudantes de diversos bairros, a maior parte deles chega à escola utilizando os transportes particulares, mais conhecidos como *Escolar* ou com os pais e responsáveis que os levam de carro. Suponho que alguns vão para a escola caminhando, por morarem nas proximidades, e a minoria deles utiliza o transporte público coletivo. Pude fazer essas observações ao ficar sentado em um dos banquinhos de uma praça localizada em frente à escola, cerca de 15 minutos antes do início do horário de aula em um dos dias de observação. Apesar de ter me sentado em um banco sozinho, na praça também haviam alguns estudantes que aguardavam o início dos turnos.

Há uma banca de jornal na praça e uma espécie de instalação sanitária que é utilizada somente por agentes de limpeza do município, esta última com pichações na parte externa. O movimento na banca de jornal era predominantemente de moradores do bairro e os jovens se dirigiam à banca, vez ou outra, para utilizar o isqueiro e acender cigarros. Antes do início das aulas no turno da manhã notei que esse era um hábito praticado por pouquíssimos estudantes. Existe também, ao lado da praça, uma padaria onde alguns jovens se dirigem para comprar

¹⁵ O programa implantado pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais visa proporcionar aos estudantes da educação básica e às suas comunidades, atividades nos moldes de oficinas, cursos e palestras como espaços alternativos nos fins de semana para a realização de atividades de lazer, educativas, culturais, esportivas, etc.. O trabalho e participação nas atividades acontecem de forma voluntária.

lanches, balas e miudezas antes de entrarem na escola. Acredito que a existência da padaria faz com que não tenha, na porta da escola, o tradicional comércio de balas pelos conhecidos *baleiros*.

Pontualmente as 7:00hs da manhã o sinal bateu e me dirigi para uma das entradas da escola. Entrei pela “entrada de baixo”, a entrada “dos alunos”, que dá acesso primeiro ao pátio da escola e aos corredores das salas de aulas. Essa divisão é bem clara e mesmo alguns professores que chegam pelas vias que são mais próximas, não utilizam essa entrada. Passam em frente e se dirigem à entrada lateral, que fica ao lado da secretaria da escola e da sala dos professores. Ao entrar por baixo é inevitável o contato com os jovens e ao entrar troquei cumprimentos e breves diálogos com alguns. Repeti essa prática em quase todos os dias de visita à escola e foi interessante observar que, em todos os dias, sempre estava no “portão de baixo” o diretor ou vice-diretor dando bom dia e recebendo os jovens.

As turmas do turno da manhã são exclusivamente do 2º e 3º anos do ensino médio. Percebi a existência de certa maturidade nas relações de grande parte dos jovens alunos observados, tanto interpessoais (entre si e com os funcionários da escola), quanto em relação à conservação e utilização dos espaços da escola. O diálogo com a direção é presente e os estudantes conquistaram certas liberdades com isso. No horário do intervalo, por exemplo, as salas de aulas não são necessariamente fechadas e o trânsito pelo corredor que dá acesso às mesmas é livre. A quadra e alguns materiais de esportes da escola também ficam disponíveis no horário do intervalo e os estudantes são responsáveis por fechá-la (existe um portão de acesso) e cuidar para que sejam levados os pratos e canecas utilizados para as refeições de volta à cantina. Demandas relacionadas aos usos dos espaços pelos jovens são frequentemente levantadas, questionadas e resolvidas com a direção.

4.3.2. O turno da Tarde:

À tarde a escola é frequentada por uma maioria de jovens alunos que estuda no 1º ano do ensino médio e mora na região. O turno conta com apenas uma turma do 2º e 3º anos, respectivamente. Apesar de existirem muitos estudantes que chegam nos chamados *Escolares*, é notável a grande quantidade de jovens alunos que chega a pé ou utilizando o transporte público coletivo. Ao observar também o horário de saída do turno (17h30min) pude presenciar, inclusive, que muitos desses alunos praticam o chamado *pulão*¹⁶ nos ônibus, sendo

¹⁶ Prática cada vez mais comum entre os jovens das periferias das grandes cidades. Caracteriza-se pela negação do pagamento da tarifa do transporte, seja pulando a catraca dos ônibus, seja permanecendo na parte dianteira do

essa prática já conhecida pelos motoristas que às vezes não param nos pontos de ônibus nos arredores da escola no horário de saída do turno da tarde.

Minutos antes do início do turno, a concentração de estudantes na praça é bem maior se comparada ao turno da manhã. O portão da “entrada de baixo” permanece fechado até o soar do sinal avisando o início das aulas, as 13h. É realizado o mesmo procedimento da manhã, e sempre há a presença do diretor ou vice cumprimentando os jovens alunos na entrada. Existe uma tolerância de até 15 minutos para entrada na escola. O curioso é notar que alguns jovens simplesmente permanecem na praça, mesmo cientes de que o portão é fechado após esse tempo de tolerância. Em um dos dias de observação me atrasei, propositalmente, e conversei com alguns desses jovens. Ao serem indagados acerca de seu comportamento, alguns responderam quase que em uníssono: *...ah fessor, ninguém merece duas aulas de português direto com aquela fessora no mesmo dia, não*. Expressei-me dizendo que havia entendido e eles concluíram me explicando que “*era de boa*” entrar no segundo horário.

Talvez pela idade e pelo fato de que para muitos é o primeiro ano na escola (a escola não oferta turmas para ensino fundamental), no turno da tarde as relações são diferentes, por vezes mais orientadas pelas exigências e cobranças disciplinares. Há um controle maior a respeito da circulação dos jovens alunos e da utilização dos espaços, e esse controle se justifica na medida em que são mais frequentes as transgressões e desobediência em relação às normas de conduta e comportamento de forma geral. Mesmo nos horários de aulas é grande o fluxo de alunos nos corredores, alguns confessadamente “matando aula”, outros aproveitam o crachá¹⁷ de permissão concedido pelos professores e aproveitam para “*dar um rolé*” pela escola.

No horário do intervalo, também conhecido como recreio, as salas de aula são trancadas e é fechado também o portão que dá acesso ao corredor das salas, além de uma espécie de portão de grades que separa o espaço dos alunos do espaço dos professores. A quadra fica fechada e não é possível utilizá-la no período do intervalo, como acontece no turno da manhã.

Essas divisões e espaços são tão bem estabelecidos e naturalizados que em um dos dias de observação fui advertido por uma colega, professora da escola, que se dirigiu à mim e disse: *“No recreio você tem que ficar aqui na sala dos professores. Não fica aí dando papo pra esses meninos não! Eles são enjoados demais, nossa...”*. Respondi dizendo que gostava

coletivo e desembarcando pela porta dianteira, sem pagar. Pode ocorrer simplesmente por transgressão ou por protesto consciente em relação aos preços cada vez maiores das tarifas no transporte público.

¹⁷ Como forma de controle da circulação dos jovens alunos pela escola durante o horário das aulas, cada professor tem um crachá que deve ser entregue ao estudante quando o mesmo tem permissão para sair.

de conversar com esses jovens e que isso seria importante para meu trabalho também.

4.3.3. O turno da Noite:

O turno da noite, por sua vez, é marcado por uma maioria de estudantes que não são os jovens alunos do Ensino Médio Regular, são as turmas de EJA e do Magistério que ocupam a maior parte das salas no noturno. Conseqüentemente os estudantes têm perfil completamente diferente dos já retratados anteriormente. São alunos e alunas que já são legalmente responsáveis por si, isso implica em uma forma de organização e funcionamento do espaço escolar diversa. As portas da escola, por exemplo, podem ser abertas para a saída dos estudantes fora dos horários estabelecidos e isso provoca uma dinâmica única à ocupação e trânsito no espaço da escola. A distinção entre as duas entradas da escola passa a não ter sentido, e alunos e funcionários transitam pelos dois portões.

A praça em frente à escola é movimentada no turno da noite, frequentada quase que exclusivamente pelos estudantes. O clima muitas vezes é de descontração, com grupos de jovens e adultos conversando e dando risadas. O consumo de maconha é algo corriqueiro, realizado por um grupo de estudantes (acredito que na faixa etária entre os 18 e 30 anos) quase que naturalmente, sem externar maiores preocupações¹⁸. Apesar desses grupos que ficam na praça se comportarem aparentemente com maior displicência, é só tocar o sinal que se dirigem ao interior da escola. Ao entrar percebo que esses frequentadores da praça constituem a minoria, já que grande parte dos estudantes do turno da noite são trabalhadores que quando chegam à escola, mesmo que com alguma antecedência, se dirigem para as salas de aula, onde aguardam seus professores¹⁹.

Um dos professores da escola é morador do bairro, e em conversa informal em um de seus horários vagos no turno da noite, tomei conhecimento de uma situação conflituosa entre alguns dos moradores e a escola. O conflito se dá porque alguns moradores acreditam que a presença dos estudantes na praça e no entorno da escola traz riscos à população do bairro. Pensam inclusive que os índices de criminalidade estão diretamente relacionados com a existência do ensino noturno na instituição. Fui informado que frequentemente fazem denúncias do consumo de drogas a polícia e que já organizaram uma espécie de abaixo-assinado para tentar acabar com a oferta dos cursos noturnos na escola. O documento ficava na padaria, ao lado da praça e da escola, para que os moradores das redondezas tivessem

¹⁸ Notei, em outros dias de observação, o consumo também nos outros dois turnos. Mas feito com bastante discrição e de maneira bastante pontual.

¹⁹ Não quero com isso dizer que os frequentadores da praça não são trabalhadores, ou vice-versa.

acesso. O professor me informou que existiam grupos no *WhatsApp* onde algumas dessas questões eram debatidas, como também sou morador do bairro pedi que, se fosse possível me colocasse nesses grupos.

A escola, pelo que investiguei, não foi notificada formalmente a respeito do abaixo-assinado. Enquanto pesquisador/professor/sociólogo e cidadão, morador do bairro devo dizer que considero extremamente inadequada essa iniciativa e postura. Associar índices de violência e criminalidade em um local à presença de uma instituição escolar que funciona no turno da noite é inadmissível. Após entrar no grupo do *WhatsApp* percebi que realmente a escola estava sofrendo ataques por parte de alguns moradores no entorno da praça; e que a petição para o fechamento do turno noturno veiculada também no grupo, acontecera principalmente devido a um assalto ocorrido dias antes na padaria. Acho importante e pertinente reproduzir na íntegra uma das respostas bastante coerentes de outro morador aos ataques:

“Gente, sou professor desta escola no ensino noturno e eu não estou acreditando no que estou lendo! Fechar o ensino noturno da escola? Meu Deus, onde vamos parar! Algum de vocês já entraram nesta escola à noite e viram quem estuda lá? Vocês conhecem a realidade da escola? Pois saibam que uma grande parte dos alunos desta escola são trabalhadores, gente que deixou de estudar há anos e com muito esforço estão voltando e não falham nenhum dia, mesmo depois de um dia inteiro de trabalho! E vocês estão tentando tirar delas talvez a única oportunidade de crescerem na vida? É de se envergonhar! Existem marginais que estudam na escola? Infelizmente sim. E nós professores temos que lidar com eles todos os dias. Não é fácil, mas estamos tentando e seguindo com nosso trabalho. Mas esses são MINORIA! E muitos que ficam na praça não são nem alunos, apenas aparecem no horário da saída. E vocês acham que o problema do bairro será resolvido tirando o ensino noturno? Os marginais vão deixar de ser marginais? Pelo contrário! Mas o que importa é eles saírem da vista de vocês, né?! Isto é varre a sujeira para debaixo do tapete do vizinho! O problema da violência é da sociedade e não da escola. Ao invés de enxergar a escola como inimiga, impondo sanções, por que não buscar uma parceria com a escola? Infelizmente, vemos muito preconceito. O Ouro Preto não seria lugar para esses “marginais”, eles que estudem em outro lugar...Será mesmo essa a solução para violência no nosso bairro (moro aqui há 16 anos, antes que me perguntem...)? A droga está presente não é só nas escolas públicas não, tem muito filho de “família boa” que estudam em escolas “boas” que já se afundaram neste mundo, mas esses não são o problema... O problema são os “favelados” que invadem a praça e o bairro, não é isso? Pois saibam que o futuro do país passa pela

educação e fechar escolas vai na contramão disso! Vocês sabem quanta gente vai perder o emprego se fechar esse turno? Vocês sabem quantos pais e mães de família vão parar de estudar se fechar esse turno? E olha que temos um bom número de alunos que moram nos arredores da escola... eles que se virem para arrumarem outra escola pra estudar, é assim? Por favor, essa ideia equivocada não pode e não deve prosperar, nunca será a solução do problema. Convido qualquer morador que queira conhecer a escola, faço questão de apresenta-los aos verdadeiros alunos da escola, à maioria formada por gente que quer e precisa estudar, que precisa da nossa escola! Essa escola é nossa, é da nossa comunidade!

*Desculpem o desabafo, mas a medida que alguns querem tomar não vai prejudicar os “vagabundos”, pois esses já não querem estudar e vão continuar a ser vagabundos, aqui ou em outro lugar. Os alunos que serão prejudicados serão os que trabalham nos supermercados que vocês compram, nas escolas em que seus filhos estudam, nas farmácias, padarias, restaurantes e até mesmo os que trabalham nas casas de vocês. E podem ter certeza que os assaltantes da padaria não são alunos da nossa escola, são de outra região. Alunos da nossa escola já foram vítimas de assalto, como vocês! Por favor, não julguem a escola por alguns indivíduos que infelizmente a frequentam!*²⁰

Apesar de discordar da colocação em alguns pontos específicos, acredito que o discurso foi muito prudente, sensato e necessário dado o contexto das discussões. As mensagens seguintes às do morador/professor deixaram claro que as palavras provocaram reflexões e mudanças nos pensamentos e discursos de alguns moradores. Como alternativa a petição que inicialmente requeria o encerramento das atividades no turno da noite na escola, foi elaborada (por alguns participantes do grupo) uma proposta de intervenção e revitalização do ambiente da praça – parceria essa realizada com a Polícia Militar do Estado de MG. Entretanto, de acordo com minha investigação essa proposta sequer foi apresentada e/ou discutida com a escola. Por vezes ainda percebo essa relação conflituosa entre moradores e comerciantes e alunos frequentadores da praça nos horários de saída e entrada das aulas. Minha hipótese é de que o incômodo real se dá a partir da ocupação dos espaços públicos e em função das classes sociais...

²⁰ Mensagem escrita por um morador do bairro e professor da escola em um grupo de moradores do bairro no aplicativo WhatsApp, arquivo de conversas acessado pelo pesquisador em 20/12/2017.

CAPÍTULO 5 –

5. Roteiros

5.1 Descrições das atividades realizadas

Na exposição e apresentação do projeto ao responsável legal da instituição, foi explicitado que as/os responsáveis pelos estudantes e funcionários da escola, poderiam participar e/ou acompanhar todas as etapas do trabalho. Justamente porque a ideia é de que essa prática pedagógica possa ser utilizada em diversos outros contextos. Foi relatado também o desejo de que ao final da pesquisa, as produções audiovisuais dos estudantes, bem como as reflexões acadêmicas do processo pudessem ser apresentadas em momento oportuno à comunidade escolar. Uma pequena mostra com debate poderia ser organizada na escola para a exibição da produção, com a participação dos jovens alunos para relatar suas experiências.

Inicialmente estava previsto para que acontecessem até oito encontros com os jovens alunos, aos sábados pela manhã, entre os meses de agosto a outubro do ano de 2017. O objetivo principal dos encontros é o de garantir espaço e tempo para a produção do conteúdo audiovisual, além de ser também um momento para conversa, discussão e reflexão dos aspectos e elementos envolvidos na experiência. Esse material constitui o cerne da produção empírica e base para as considerações e conclusões do trabalho. A participação dos jovens alunos com seus relatos ao final das atividades também é central na produção do conhecimento esperado.

A realização dos encontros não aconteceu como previsto em virtude de um quadro de reposição de aulas em função de uma greve dos trabalhadores em educação do estado de Minas Gerais ocorrida no primeiro semestre do ano de 2017. A greve dos professores da rede estadual de educação em Minas Gerais iniciou-se no dia 15 de março de 2017, depois de realizada uma assembleia da categoria no pátio da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, e entre as reivindicações principais estavam o descumprimento do acordo feito com o governo estadual em 2015, que previa aumento salarial até 2018 e outras melhorias na carreira. A greve teve duração de 33 dias e encerrou-se no dia 17 de abril de 2017. De acordo com informações divulgadas em matéria veiculada pelo Jornal Hoje em Dia²¹, segundo o Sindicato/UTe/MG, a greve atingiu todo Estado, com adesão de até 100% em algumas cidades como Caeté e Nova Lima, na Região Metropolitana, Viçosa, na Zona da Mata, Lagoa Formosa e Limeira do Oeste, no Triângulo. Em Belo Horizonte, a adesão foi de 65%.

²¹ Disponível em < <http://hojeemdia.com.br/horizontes/professores-da-rede-estadual-suspendem-greve-e-aulas-recome%C3%A7am-depois-da-p%C3%A1scoa-em-minas-1.456571>>. Acesso em 21/12/2017

A escola escolhida como campo de trabalho para a realização da pesquisa aderiu integralmente ao período da greve mencionado acima e o calendário escolar, vigente na escola durante o segundo semestre do ano de 2017, impossibilitou a realização do cronograma previsto para a realização do trabalho. O maior impedimento aconteceu pelo fato de as reposições serem concentradas aos sábados pela manhã, justamente o dia e horário escolhidos para os encontros acontecerem. Somou-se a essa situação o calendário adotado também pela instituição que trabalho como professor, com reposições aos sábados que inviabilizaram minha presença. Mesmo se tratando de duas escolas da rede estadual de educação do estado de Minas Gerais os calendários possuíam divergências, já que o período de adesão da greve nas escolas em questão foram diferentes. Na medida em que a proposta foi pensada para não prejudicar ou atrapalhar a realização das atividades normais e cotidianas da escola onde o trabalho aconteceu, foram realizados apenas três encontros entre os meses de agosto a outubro no ano de 2017 (um encontro em cada mês, respectivamente).

Abaixo seguem informações importantes a respeito dos encontros, os relatos baseados nas observações e anotações do caderno de campo, bem como algumas expectativas em relação às produções. Foram elaboradas, previamente, tabelas de planejamento para os encontros no intuito de que servissem como base para a realização das atividades e que, após a publicação do trabalho, pudessem também servir de referência para docentes e profissionais da educação com interesse nos temas abordados na pesquisa.

É importante ressaltar que o planejamento e a formulação de um projeto das atividades é fundamental para a realização do trabalho, mas não deve aqui ser entendido como uma estrutura completamente limitadora das ações dos sujeitos envolvidos na experiência. Em outras palavras, as tabelas de planejamento poderiam e foram modificadas ao decorrer da vivência e dos acontecimentos das atividades. Estar atento e aberto à eventuais transformações das/nas experiências vivenciadas ao longo da pesquisa é essencial em uma perspectiva que reconhece as práticas como produtoras de conhecimentos, e contribui para o entendimento do processo e de seus imponderáveis como fundamentais na constituição dos saberes.

1º encontro

Tabela 1 - Planejamento do 1º encontro

ATIVIDADE	OBJETIVOS	DETALHAMENTO
Dinâmica para apresentação das/dos participantes.	Propiciar um momento onde os envolvidos possam se conhecer um pouco melhor.	Levar várias imagens, recortadas de jornais e revistas, panfletos, etc.. com imagens as mais variadas possíveis. Pedir que cada um faça a escolha de duas imagens e, após a escolha, cada um deverá se apresentar dizendo o nome e o motivo que levou à escolha das imagens. Se alguém não quiser participar ou se sentir desconfortável, dizer apenas o nome.
Escuta das expectativas.	Ouvir dos jovens alunos suas expectativas em relação à participação e vivência da atividade.	Perguntar quais as expectativas e/necessidades dos jovens envolvidos e, a partir de uma escuta atenta dos relatos livres e espontâneos dos envolvidos, procurar captar motivações, desejos e demandas. Atividade importante também para evitar possíveis transtornos no desenvolvimento do trabalho.
Apresentação da proposta.	Detalhamento das atividades e propósitos da pesquisa, bem como o esclarecimento de dúvidas envolvidas no	O pesquisador deve apresentar a proposta, de forma clara aos participantes. Explicitar os objetivos, as

	processo.	justificativas e motivos de sua realização. Esclarecer quaisquer questões levantadas pelos participantes.
Discussão dos critérios éticos que norteiam a proposta.	Deixar claro a preocupação com esse aspecto fundamental do desenvolvimento do trabalho.	Conversa sobre a legislação vigente e apresentação dos documentos, termos e do parecer submetidos à apreciação do Comitê de ética e pesquisa da Universidade responsável pela pesquisa.
Levantamento das dúvidas e/ou sugestões.	Esclarecer possíveis e eventuais interpretações erradas sobre a proposta. Construir colaborativamente os encontros com os participantes.	Ouvir os participantes com o objetivo de pensar na construção dos próximos encontros a partir dos esclarecimentos e sugestões surgidas no primeiro momento.
Solicitar material para o próximo encontro	Solicitação dos materiais para que o próximo encontro seja o início da prática, de fato.	Pedir que os jovens levem, no próximo encontro, os dispositivos (câmeras, celulares,...) para podermos iniciar a experimentação da prática da produção audiovisual.

Atento às exigências éticas²² para a realização desse trabalho acadêmico, o primeiro encontro foi marcado pela preocupação em apresentar a proposta e o trabalho, bem com o esclarecimento de qualquer aspecto ou dúvidas quanto sua realização.

Em visitas anteriores à escola, já havia feito uma apresentação geral da proposta e

²² O projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP (Comitê de Ética e Pesquisa) da Universidade Federal de Minas Gerais, com parecer consubstanciado número 2.450.130.

convite para a participação voluntária na pesquisa. Foi deixada em cada uma das turmas do 2º do ensino médio do turno da manhã, uma lista simples em forma de tabela a ser utilizada como meio para conseguir o contato dos interessados. Além do nome, foi pedido que os interessados deixassem qualquer uma das formas de contato a seguir: *e-mail/Facebook/Whatsapp*. A escolha prévia por essas formas de contato foi realizada considerando a forte e marcante presença das redes sociais e aplicativos para compartilhamento de mensagens instantâneas no contexto da vida cotidiana dos brasileiros, fato que pode ser verificado também na experiência desses jovens alunos na escola, a partir da observação de suas relações e também a partir dos dados de acesso e utilização dessas plataformas no Brasil, divulgados pelas próprias empresas.

O site *MobileTime* publicou no dia 26/07/2017 uma notícia²³ onde apresenta alguns resultados referentes à presença e utilização desses aplicativos no Brasil. Segundo o site “no Brasil, o WhatsApp está instalado em 98,1% dos smartphones de internautas brasileiros – enquanto o Facebook Messenger está em 80,8%. E 97,5% dos usuários do WhatsApp no País acessam o serviço todo dia ou quase todo dia – contra 70,9% daqueles que têm o Facebook Messenger. Os dados fazem parte dos mais recentes relatórios sobre mensageria móvel no Brasil (fevereiro de 2017) e uso de apps no Brasil (junho de 2017), da pesquisa Panorama Mobile Time/Opinion Box²⁴.

Corroborando com a observação e os dados apresentados acima, todos os interessados na participação como voluntários indicaram o *WhatsApp* como forma e opção para contato. Os participantes foram, ao todo, seis jovens alunas e quatro jovens alunos – de turmas distintas do 2ºano do ensino médio do turno matutino. Realizei o contato via mensagem de texto com cada um, individualmente, e marcamos o primeiro encontro, realizado em um sábado, entre as 8h e as 9:30hs da manhã no mês de agosto.

Uma questão importante circunscrita nessa etapa da realização do trabalho é a de que, com exceção de um dos jovens voluntários, eu já havia sido professor de todos os outros estudantes no ano de 2016. Fato que leva à conclusão de que a relação prévia experimentada por nós foi determinante na participação no trabalho. A questão ficou evidente quando fui recebido, no primeiro encontro.

- Professor! Que saudade das suas aulas! Só o senhor mesmo para me fazer aparecer aqui na escola sábado de manhã.

²³ Disponível em < <http://www.mobiletime.com.br/26/07/2017/whatsapp-tem-1-bilhao-de-usuarios-ativos-por-dia-no-mundo/474102/news.aspx>> . Acesso em 22/12/2017

²⁴ Os relatórios estão disponíveis para download, gratuitamente, no site <http://www.panoramamobiletime.com.br>.

- *Obrigado, também estava com saudades de vocês. Mas não estamos aqui para ter aulas não, uai...*

- *... pensei que fosse tipo uma aula de Sociologia com uns negócios de vídeo. Não é não?*²⁵

Sentamo-nos ao lado da cantina, em alguns banquinhos e mesas disponíveis e aproveitei o momento para cumprimentar os seis jovens que já estavam presentes e começar a apresentação e explicação do trabalho. Conversamos um pouco sobre assuntos que não necessariamente tinham relação com a pesquisa e o desenvolvimento do trabalho... Alguns desses estudantes falaram a respeito das mudanças, tanto as consideradas positivas quanto as negativas, ocorridas na escola – tendo como referência o período em que trabalhei como professor na instituição e o período da realização do presente trabalho. A partir dessa conversa foi possível notar que boa parte dessas mudanças e transformações (positivas ou negativas na interpretação desses estudantes) está relacionada à movimentação de servidores na Escola. Falavam de professores que não deveriam ter saído e dos que chegaram mas não agradaram, e associavam esses acontecimentos à escolhas pessoais dos servidores. O momento foi muito importante para esclarecer aspectos relacionados à estrutura, organização e funcionamento da educação pública que por vezes são desconhecidos pelos estudantes, embora sejam pontos que afetam profundamente a experiência escolar. O cerne da discussão foi a diferença existente nos vínculos de trabalho com o Governo do Estado entre um servidor público *designado*(contratado) e um *efetivo*(concursado)²⁶. A conversa foi essencial para que os estudantes entendam que, em muitas situações, a dinâmica de troca e permanência dos servidores na escola não acontece somente pela vontade de cada profissional; e que essa organização do sistema de ensino no estado de Minas Gerais impacta diretamente o cotidiano escolar específico desses jovens, na medida em que as relações entre docentes e discentes são norteadoras também dos processos de ensino-aprendizagem.

Quando todos estavam presentes, iniciamos a dinâmica (detalhada na Tabela 1.) para apresentação das/dos participantes. As diversas imagens utilizadas foram recortadas de jornais e revistas, panfletos, etc. e não seguiram nenhum critério de seleção específico. Após serem espalhadas pela mesa, foi solicitado que cada um dos presentes escolhesse duas imagens e que

²⁵ Reprodução de um diálogo entre eu e uma das participantes, registrado posteriormente em meu caderno de campo da pesquisa.

²⁶ Os servidores designados são contratados por um período determinado, portanto são profissionais temporários. Os servidores efetivos, por sua vez, são os aprovados em concurso público específico para ocupar o cargo, nomeados e empossados em determinada instituição.

aguardassem os demais: as apresentações seguiram então com breves comentários a respeito dos motivos para escolha e identificação das/com as imagens. As imagens escolhidas foram diversas e, em geral, retratavam momentos, situações e/ou objetos que eram relacionados com experiências prazerosas. Paisagens eram frequentemente associadas ao gosto e desejo por viajar pelo mundo; representações do esporte e da música foram escolhidas para afirmar *hobbies*²⁷; o objeto mais escolhido foi o celular que serviu para demonstrar o desejo por adquirir bens de consumo específicos e valorizados, além de ser apresentado como um dos principais meios de lazer no cotidiano; uma jovem escolheu a figura de uma mulher com uma criança em seu colo para falar de seu desejo de ser mãe e, ao final, um estudante se apresentou dizendo que escolheu a figura de uma pessoa negra para afirmar sua identidade racial.

A referida dinâmica, além de ser extremamente interessante para perceber as diversas formas de construção e apresentação das identidades sociais, ajudou também a identificar uma das hipóteses do trabalho, na medida em que a partir da escolha das imagens e nos discursos, foi marcante a presença dos elementos relacionados às culturas juvenis e aos meios técnicos/tecnológicos presentes nas experiências e contextos de vida dos participantes.

Foi apresentado então o objetivo do trabalho, as razões e motivos de sua realização bem como as questões dos procedimentos formais e éticos que devem sempre nortear as pesquisas acadêmicas. Tentei ser o mais claro e objetivo possível, atentando para o fato de que a explicação deveria estar em forma e linguagem adequadas aos jovens e ao contexto.

Explicitiei a preocupação com as questões éticas relevantes ao desenvolvimento do trabalho e fiz a leitura das cartas e dos termos de assentimento e consentimento necessários para a participação na pesquisa. Foi enfatizado que, a fim de minimizar qualquer desconforto ou constrangimento durante a pesquisa estariam garantidos os cuidados necessários, respeito e ética. Nos termos também está explícita a informação de que os participantes poderiam a qualquer momento relatar eventual desconforto e deixar de responder ou finalizar sua participação. Conversamos também, a respeito dos possíveis riscos existentes no trabalho e em sua realização. É importante reconhecer que, no contexto apresentado, o audiovisual é também um meio de comunicação, portanto os riscos existentes em sua produção estão relacionados aos da manifestação e expressão de pensamentos, sentimentos ou ideias. Deixei claro que acompanharia na medida do possível todo o processo, mantendo o distanciamento necessário para garantir que a produção fosse efetivamente uma narrativa autoral e coletiva

²⁷ Termo da língua inglesa muito utilizado no Brasil: refere-se às atividades praticadas geralmente nas horas livres, com a função de entretenimento, diversão e distração.

das/dos estudantes.

Um jovem aluno perguntou e pediu para explicar melhor o que seriam essas produções audiovisuais, como seriam feitas e sobre o que seriam. Foi explicado então que essas narrativas audiovisuais poderiam estar circunscritas em toda a possibilidade e diversidade representada pelo termo, ou seja, deveriam combinar som e imagem. Os registros não necessariamente deveriam se enquadrar em um gênero ou molde específico. O resultado do trabalho poderia ser apresentado, por exemplo, a partir de produções audiovisuais do tipo documentário, ficção, animação, experimental ou mesmo uma narrativa que não se “enquadrasse” em nenhum desses tipos. Poderiam ser utilizados os equipamentos existentes na escola (com a devida autorização da parte competente) como as câmeras fotográficas e de vídeo, os celulares e aparelhos eletrônicos dos alunos e um equipamento do pesquisador, a ser disponibilizado havendo necessidade. Em todos os casos, a partir do surgimento de demandas levantadas pelos jovens, para a utilização dos equipamentos foram transmitidas as informações e orientações necessárias.

As gravações poderiam ser feitas no ambiente escolar ou fora dele mas é importante ressaltar que também foram feitas discussões a respeito dos limites e perigos existentes nas gravações fora do ambiente escolar, orientando os participantes a fim de se evitar quaisquer transtornos. Reitero também que, através de um compromisso ético, assumi a responsabilidade na resolução dos problemas oriundos do desenvolvimento do trabalho.

A fim de possibilitar que o processo e a vivência da prática se constituíssem como aspectos centrais, as produções não necessariamente deveriam seguir um modelo ou padrão gráfico e técnico. Nesse sentido, a não determinação das formas também foi pensada pela possível limitação de espaços, tempos e condições materiais para sua realização. A produção proposta nessa pesquisa tinha objetivos claros e bem definidos, entretanto a ideia que nortearia sua realização só poderia ser consolidada na prática. Quero dizer que as razões que são os impulsos para produzir os filmes só poderiam ser elucidadas à medida em que os trabalhos de produção tivessem início. Mas enquanto pesquisador e me atendo ao contexto de realização desse trabalho, a fim de torna-lo exequível, indiquei um tema que pudesse servir como referência para as produções, mas que não fosse muito limitador. Foi sugerido que o trabalho se desenvolvesse em torno do eixo temático **Culturas Juvenis**.

Não foi realizada uma explicação profunda e detalhada do significado desse eixo temático exatamente por um dos objetivos do trabalho ser de construir o conhecimento sociológico a partir da prática e vivência utilizando o audiovisual. Não houve também, nesse

primeiro momento, nenhum questionamento dos estudantes a respeito do que seriam Culturas Juvenis.

Transcorridas aproximadamente uma hora e trinta minutos desde o início da atividade, foi solicitado então que, para o próximo encontro, os/as jovens levassem os dispositivos (câmeras, celulares, etc..) para podermos iniciar a experimentação da prática da produção audiovisual. A realização do segundo encontro seria confirmada via mensagem pelo *WhatsApp*.

2º encontro

Tabela 2 - Planejamento do 2º encontro

ATIVIDADE	OBJETIVO	DETALHAMENTO
Retomar a conversa do último encontro.	Verificar o possível surgimento de dúvidas e comentários em relação a pontos específicos da proposta apresentada.	Iniciar o encontro perguntando aos jovens se havia alguma questão ou ponto específico que necessitasse de maior detalhamento e explicação.
Verificar os equipamentos para realização do trabalho.	Verificar se os jovens estudantes estavam com os materiais necessários.	Identificar quais foram os equipamentos e/ou dispositivos escolhidos pelos participantes e se é necessário alguma orientação quanto ao seu uso e funcionamento.
Proposta para iniciar a experimentação.	Experimentar o fazer audiovisual, na medida em que a experiência fosse acontecendo.	Propor que os jovens pegassem os equipamentos e/ou dispositivos e experimentassem gravar registros audiovisuais. A proposição deve acontecer,

		nesse primeiro momento, de maneira bem livre, sem muitas orientações ou restrições.
Acompanhamento dos jovens alunos	Estar atento à iminência de qualquer problema e tirar as dúvidas necessárias.	Acompanhar a realização a realização dos primeiros registros, estando atento à possíveis riscos (acesso a lugares inadequados, expressão de ideias ou pensamentos que não respeitem os direitos humanos, exposição de pessoas sem seu consentimento, etc..).
Encerramento	Encerrar o segundo encontro e dar encaminhamentos para o próximo.	Encerramento do encontro com roda de conversa para compartilhamento das impressões e breves relatos das experiências.

O segundo momento de encontro presencial aconteceu em uma manhã de sábado do mês de setembro. Com início aproximadamente às 8h da manhã, o lugar escolhido por mim, para nossa conversa, foi em uma sala de aula disponibilizada pela escola. Apesar de funcionar aos sábados o projeto Escola Aberta, nem todos os espaços são disponibilizados, mas com a prerrogativa da realização da pesquisa, o acesso a eles foram garantidos mediante acolhimento da proposta e anuência por parte da instituição.

Participaram desse segundo momento, oito estudantes. Conforme pedido no primeiro encontro, as/os jovens levaram os equipamentos que seriam utilizados para fazer os registros. Uma das estudantes voluntárias levou uma câmera fotográfica digital, modelo semiprofissional; o restante dos estudantes estava com seus aparelhos celulares, do tipo smartphone para serem utilizados. Os fatores que levaram às escolhas, de acordo com as/os

próprios jovens, foi a praticidade e facilidade no uso e acesso, além do fato de já possuírem os equipamentos/dispositivos previamente.

Ficamos cerca de quarenta minutos conversando livremente sobre a utilização desses aparelhos no cotidiano. As conversas permearam, por exemplo, a utilização das redes sociais digitais pelos famosos e pessoas influentes como forma de aproximar o contato e relação com o público e fãs através do compartilhamento -quase que em tempo real- de vídeos e registros de sua rotina; a respeito desse assunto também foi discutida a quantidade cada vez maior de conteúdo sendo produzido e compartilhado nas diversas redes sociais tornando inviável o acompanhamento de tudo o que circula pelas redes, mesmo que o conteúdo seja de seu interesse.

Logo após esse assunto surgiu uma discussão bastante interessante a respeito do compartilhamento de *fake news*²⁸ a partir de notícias e vídeos. Problematizei a popularização do termo (explicada em nota de rodapé) e, apesar de até então não saberem dessas relações com as eleições presidenciais nos EUA em 2016, concordaram dizendo que o imediatismo e a vontade de compartilhar -ou em suas palavras: *mostrar pros outros*- além também do sensacionalismo existente em muitas dessas notícias e vídeos faz com que muitas pessoas não confirmem as fontes ou verifiquem as informações. Novamente o grande volume de informações produzidas e disseminadas pelas redes apareceu como argumento para evidenciar um aspecto negativo das relações e experiências no ambiente virtual.

A conversa levantou algumas outras situações do uso dos registros audiovisuais no cotidiano e chegou em um ponto que julguei apropriado e pertinente para propor o início da experimentação...

- *Ah, eu uso também pra gravar os showzin que eu vou. Pra mostrar pros outros.* Disse um dos jovens.

- *ou então quanto tô de bobeira também, sem nada pra fazer. Aí eu ligo a live*²⁹. Completou outro, dando uma risada.

- *Então... aproveitando o assunto, deixa eu perguntar: qual ou quais seriam os registros de*

²⁸ Notícias falsas, em português. O termo é utilizado para designar notícias imprecisas, falsas e/ou manipuladas que muitas vezes circulam por serem compartilhadas sem a devida atenção ou sem que sejam checadas. O termo se tornou bastante comum após as eleições norte-americanas em 2016. Segundo analistas várias notícias falsas sobre as eleições tiveram mais alcance no Facebook que notícias reais, de fontes confiáveis. Conforme detalha matéria disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/11/noticias-falsas-sobre-eleicoes-nos-eua-superam-noticias-reais.html>> acessada em 22/12/2017.

²⁹ Se referindo à um recurso que possibilita a transmissão de vídeos ao vivo. Disponível *online* e em algumas redes sociais como no Instagram ou Facebook, o chamado *live stream*.

vocês, suas narrativas considerando o tema do nosso trabalho aqui? Questionei.

-Nó, fessor. Aí complicou. Qual é mesmo o tema? Perguntou retoricamente outra estudante...

-Negócio de cultura, né?! Dança, música, essas coisas assim? Completou.

Respondi da seguinte maneira: *- É? O que vocês pensam sobre isso? O tema é Culturas Juvenis. Gostaria que vocês refletissem e começassem a pensar nos registros e produção a partir de agora... Fiquem a vontade para sair da sala e ir a outros espaços. Estarei por perto e qualquer coisa é só chamar.*

Pude perceber, ao decorrer do encontro, que a maior parte desses adolescentes mantinha relações mais próximas entre si, ou seja, mesmo que estudassem em turmas diferentes ficou clara a existência de um laço de amizade entre o grupo. Talvez isso explique o fato de que, após a sugestão para que experimentassem e começassem os registros tenha surgido a seguinte questão:

-Mas professor, temos que fazer sozinhos? Não pode ser em grupo não?

- Pode sim, não tem essa exigência. Vocês vão escolher o que acharem melhor. Respondi e percebi que rapidamente se organizaram em dois grupos, cada um com quatro pessoas.

Acompanhei as conversas e discussões dos grupos e acho importante retomar uma das diretrizes da Pedagogia de Projetos, já discutida no trabalho. Foi a partir das situações problemas tais como, a dúvida a respeito do que seriam as **Culturas Juvenis**, ou sobre o tipo de produção audiovisual e como seriam feitas é que os estudantes começaram a se organizar e trocar ideias para tentar responder aos questionamentos e encontrar as possíveis soluções.

Em um dos grupos foi bastante discutida a questão do Hip Hop enquanto elemento marcante da cultura juvenil. Como bem colocado na conversa, o Hip Hop não se restringe somente à música expressa pelo RAP³⁰, mas inclui também pelo menos o DJ³¹, o Breakdance³², o MC³³ e o Grafitti³⁴. Além de poder ser identificado na moda e em um estilo e forma de vestir particulares. A conversa estava bastante interessante e os jovens trocavam relatos de experiências com o Hip Hop, como o gosto pela música e pelas ideias que

³⁰ Ritmo musical caracterizado pelas poesias feitas através de rimas, acompanhadas normalmente por uma base instrumental. Em tradução literal da língua inglesa, significa “ritmo e poesia”.

³¹ Abreviação para *disc-jockey* ou operador de discos. É quem elabora as bases instrumentais, os efeitos e faz colagens rítmicas que sustentam os outros elementos do Hip Hop.

³² Estilo de dança urbana, criada por afro-americanos e latinos em Nova York, na década de 1970.

³³ Mestre de Cerimônias em tradução literal. É responsável por ser o porta-voz do movimento, através das rimas expressas nas músicas e de mensagens transmitidas ao público nos eventos de Hip Hop.

³⁴ Forma de expressão incluída no campo das artes visuais e associada, principalmente, aos contextos de arte urbana.

transmitem, de festas e eventos do gênero que frequentam, como o Duelo de MC's - um dos principais encontros da cultura Hip Hop brasileira, realizado desde 2007 em Belo Horizonte e que atualmente ocupa o viaduto Santa Tereza, na região central da cidade.

O outro grupo, que se concentrava no pátio, próximo a cantina me chamou...

-Professor, já viu esse aplicativo aqui? Nó, dá pra fazer uns efeitos doidos com ele!

Ao me mostrar e apresentar esse aplicativo capaz de fazer pequenas edições e aplicar efeitos em vídeos percebi que a discussão desse grupo envolvia aspectos distintos, se comparada ao outro. Foi bastante interessante notar que enquanto um dos grupos concentrava as discussões na problemática de pensar o quê filmar, o outro estava mais interessado em discutir como fazer os registros e narrativas audiovisuais. Compararam os celulares e discutiam qual seria melhor para filmar e, como argumento para convencimento, mostravam uns aos outros vídeos feitos e editados nos próprios aparelhos.

O relógio marcava quase dez horas da manhã, resolvi então chamar os dois grupos para conversarmos um pouco e encerrar as atividades. Optei por encerrar mesmo tendo mais tempo disponível porque me dei conta de um aspecto relevante não notado por mim até então: a escola fica aberta à comunidade no período entre 7:00hs e 12:00hs aos sábados, entretanto por não se tratar de dia letivo, não há o fornecimento de merenda ou comida para quem a frequenta. Como não havia considerado esse aspecto, ao perceber essa situação, não quis estender o encontro para não gerar possíveis situações desagradáveis aos participantes.

Foi então que, estando todos reunidos novamente na sala de aula disponibilizada, pedi que cada grupo apresentasse – de maneira sucinta – um pouco do que estavam discutindo. Percebi que estavam bastante à vontade e isso permitiu que acontecessem diálogos onde quase todos os presentes participaram em algum momento. Como mediador dos encontros preocupei-me principalmente em fazer perguntas e questionamentos para fomentar a conversa, sobretudo no que diz respeito ao compartilhamento de experiências anteriores desses estudantes em suas vidas, que pudessem estar relacionadas ao tema ou à experimentação audiovisual.

Novamente a discussão ressaltou experiências anteriores desses sujeitos com a música, sobretudo com o Rap e o Funk. Demarcando-os mais que como ritmos musicais, mas como experiências de socialização em um sentido mais amplo – compreendendo visões de mundo, elementos importantes para construções de suas identidades e até mesmo a experimentação da ocupação dos espaços urbanos em suas vidas. Uma das jovens inclusive apresentou-nos um

pouco de sua vivência como MC, e destacou a importância do movimento Hip Hop em sua vida. A *Cigana MC*, vulgo³⁵ por ela apropriado a partir de suas experiências anteriores no meio do Hip Hop, leva o Rap mais que como forma de expressão ou lazer, mas também como trabalho - tendo inclusive se apresentado em edições do já mencionado Duelo de Mc's em Belo Horizonte. A conversa pautou outro tema importante quando a estudante comentou a respeito da necessidade de ter criado uma consciência mais ampla acerca das discussões de gênero para afirmação de sua identidade e de seu lugar em um ambiente onde a presença é predominantemente masculina.

Percebi que, aproveitando o assunto em pauta, poderia fazer uma relação com os aspectos que estavam sendo discutidos pelo outro grupo, no início das atividades do dia. Perguntei então:

- *E você, já gravou algum clipe de alguma de suas músicas?*

- *Ainda não, fessô. Até tô produzindo uma música pra gravar de forma independente. Mas por enquanto só videozin pro Instagram, Youtube, essas coisas...* Ela respondeu.

- *Uai, isso já tá valendo!* Exclamou outro jovem.

- *Pois é, isso é produção audiovisual.* Concordei. *E você usou algum programa para gravar ou editar esses vídeos?*

- *Ah, só esses que colocam uns feitiços mesmo. Normal...*

A partir desse momento a conversa foi sobre esses softwares e aplicativos utilizados para gravação e edição de vídeos. Foram tantos os exemplos e nomes comentados que posteriormente não consegui tomar nota em meu caderno de campo. A maioria deles era desconhecida para mim, mas através dos relatos pude perceber que quase todos funcionam com um modo de utilização bastante intuitivo – sendo desnecessário o conhecimento e a experiência previa em edição de vídeos e imagens para realização das produções.

As discussões relatadas acima indicam a presença de duas das inquietações iniciais da pesquisa: a primeira é que as experiências cotidianas desses jovens alunos e alunas carregam os elementos necessários para a construção do conhecimento sociológico no contexto do Ensino Médio, já que envolvem vivências relacionadas a grandes temas e áreas de estudo da Sociologia; a segunda é a constatação da forte presença das técnicas e meios digitais nos diversos processos de socialização, destacando-se o protagonismo desses jovens (por vezes

³⁵ Na linguagem informal, vulgo é como uma pessoa é popularmente, vulgarmente conhecida. Uma espécie de apelido.

não reconhecido pelos próprios) na criação e compartilhamento dos conteúdos nas redes.

Antes de encerrar, pedi às/aos jovens que, atentos ao eixo temático apresentado, realizassem alguma filmagem, registro ou narrativa audiovisual até nosso próximo encontro e enfatizei que estariam livres para pensar no que quisessem desde que estivessem atentas e atentos aos riscos e às questões éticas previamente discutidas. Avisei também que não precisariam se limitar aos grupos formados durante as conversas e troca de experiências desse segundo encontro, podendo experimentar a atividade individualmente ou - havendo possibilidade e disponibilidade - com quem quisessem. Ainda nos momentos finais um dos jovens sugeriu que eu levasse alguns vídeos para que pudéssemos assistir no próximo encontro.

3º encontro

Tabela 3 - Planejamento do 3º encontro

ATIVIDADE	OBJETIVOS	DETALHAMENTO
Exibição de filmes e/trechos selecionados previamente.	Assistir filmes diversos para ampliar as formas de entendimento e concepção do audiovisual.	Exibição de filmes selecionados previamente com o objetivo de fornecer mais elementos para que, juntamente com a prática, possa provocar reflexões a respeito do fazer audiovisual.
Discussão sobre os filmes.	Debate sobre os aspectos percebidos nos filmes assistidos.	A partir da conversa sobre os sentimentos e percepções, provocar uma troca e compartilhamento de visões a respeito do fazer audiovisual.
Exibição do que já foi pelo pelos participantes.	Exibição do que já foi gravado ou pensado pelos jovens estudantes entre o segundo e terceiro encontros.	Momento destinado à exibição e/ou relato do que foi produzido/pensado pelas/pelos participantes da

		pesquisa até então.
Discussão sobre o momento anterior.	Refletir sobre suas produções utilizando-se também das referências e discussões anteriores.	A partir da conversa sobre os sentimentos e percepções, provocar uma troca e compartilhamento de visões a respeito dos registros e produções.

Marcado (assim como os anteriores) pelo *WhatsApp*, o terceiro encontro aconteceu em um sábado do mês de outubro. Havia conversado com a direção da escola e consegui a autorização para utilizar a sala de vídeo. O espaço possui cadeiras acolchoadas – aparentemente mais confortáveis que as de madeira, das salas de aula -, uma TV com tela plana de aproximadamente 42 polegadas e um aparelho de ar condicionado que já estava fixado, no encontro da parede do fundo da sala com o teto, mas não funcionava porque ainda não estava totalmente instalado.

Como sugerido por um dos jovens no último encontro, levei alguns filmes, trechos e arquivos audiovisuais para exibir e fomentar as discussões e percepções. A origem do cinema é associada ao registro documental. Os irmãos Lumière (pioneiros no fazer e na exibição audiovisual) captavam com o Cinematógrafo imagens “em movimento” na França, a partir de 1895. De certa forma, quando registradas e exibidas, as cenas documentavam e retratavam os acontecimentos cotidianos. Com o passar do tempo, as linguagens e formas de se expressar foram se alterando, no que diz respeito à utilização das técnicas e em relação às definições conceituais. Os registros audiovisuais passaram também a apresentar narrativas diversificadas, com formas de abordagens igualmente diversas. Os filmes e trechos foram selecionados então, para trazer um pouco dessa diversidade com o intuito de provocar discussões aos jovens envolvidos no trabalho.

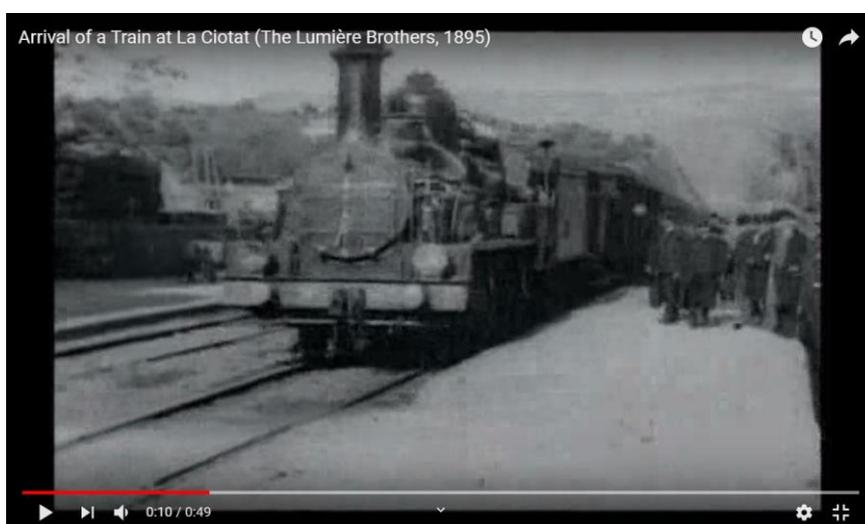
O primeiro vídeo exibido em nosso encontro foi justamente o *Arrival of a Train at La Ciotat* (The Lumière Brothers, 1895)³⁶ ou em português *A Chegada de um trem à estação Ciotat*, que com pouco menos de 60 segundos é considerada a primeira exibição pública da história do cinema. Conversamos um pouco sobre as impressões e sentimentos logo após rever a cena com atenção, algumas vezes. O que vocês sentiram ao assistir a cena? Como se

³⁶ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=1dgLEDdFddk>>

comporta a câmera? O que esta sendo filmado? Foram as principais perguntas norteadoras da discussão. Abaixo, transcrevo alguns dos tópicos mencionados e destacados na conversa:

- No geral, relataram que não sentiram “nada de mais”;
- A imagem em preto e branco;
- A câmera parada;
- A trilha sonora que não era do momento filmado;
- A banalidade cotidiana da situação filmada

Figura 4 - Cena de Arrival of a Train at La Ciotat (The Lumière Brothers, 1895)



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

Os tópicos brevemente discutidos nos ajudam a entender as diversas transformações ocorridas nos meios e formas de expressão audiovisual, bem como a necessária contextualização histórica dos acontecimentos. As reações das pessoas ao tomarem contato, pela primeira vez, com as produções dos irmãos Lumière certamente foram bastante diferentes da aparente estranheza e naturalidade percebida na experiência vivenciada durante essa pesquisa. O vídeo foi importante para iniciar as discussões acerca dos diversos elementos presentes nas produções audiovisuais. O segundo vídeo foi selecionado exatamente com o intuito de dar continuidade e aprofundar essa discussão.

Migliorin (2015) discorre em seu trabalho a respeito da grande influencia exercida por Alain Bergala nos processos e vivências metodológicas de suas experiências envolvendo cinema, educação e a escola. Uma das propostas discutidas e apresentadas por Bergala em

seus trabalhos deu origem ao projeto *Experimentar o Cinema*³⁷. Utilizando como referência esse material³⁸, foi exibido também aos jovens alunos um vídeo do projeto *Experimentar o Cinema* que utiliza um plano do filme *O Palhaço* (Selton Mello, 2011) para fazer uma análise fílmica de diversos elementos que constituem a cena.

Figura 5 – Cena do filme *O Palhaço* (Selton Mello, 2011) comentada em vídeo do projeto *Experimentar o Cinema* (Inventar com a Diferença, 2017)



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

A exibição desse vídeo causou surpresa na maior parte dos estudantes porque, como foi relatado após seu término, “*não dava nem pra imaginar que em uma cena poderia ter tanta coisa envolvida*”. Ao naturalizarmos a presença das narrativas audiovisuais em nosso cotidiano, normalmente não percebemos a quantidade de elementos fundamentais em sua composição. No vídeo assistido foram destacados aspectos relacionados ao enquadramento da imagem, à iluminação, aos ruídos, ao movimento da câmera e outros elementos que passariam quase que de maneira imperceptível se não fossem comentados pelos atores.

Assistimos também o vídeo vencedor do I Festival de Imagens EMdiálogo (2012), Um

³⁷ De acordo com sua própria descrição, o projeto foi realizado pelo Laboratório Kumã-UFF com apoio da FAPERJ, e apresenta dez vídeos para serem utilizados em sala-de-aula, pela perspectiva da análise fílmica. Em cada vídeo do *Experimentar o Cinema*, um plano de um filme nacional é analisado por um casal de atores que conversa numa ilha de edição. Eles chamam a atenção para aspectos simples da cena, mas potentes para sensibilizar o olhar e os ouvidos do espectador, tais como: composição visual, movimentação da câmera, a dinâmica dos corpos em quadro, a força do extracampo, a luz, os ruídos.

³⁸ Disponível em < <http://www.inventarcomadiferenca.org/canal-inventar/experimentar-o-cinema/>>

Dia de Estudante (Victor Nogueira, 2012)³⁹. O vídeo produzido por alunos da Escola Estadual de Educação Tecnológica do Pará Professor Anísio Teixeira retrata de forma crítica e bem humorada um contraste entre sonho e realidade de alunos e professores. A história é de um estudante que mora na cidade de Belém, mas esta realidade está presente em quase todas as cidades do Brasil. A montagem e edição do vídeo é simples, mas a mensagem transmitida com muito bom humor fez com que os estudantes gostassem bastante desse vídeo.

Figura 6 – Um Dia de Estudante (Victor Nogueira, 2012)



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

A escolha pela exibição desse vídeo, produzido por alunos da rede estadual de educação do estado do Pará, mostrou efetivamente a possibilidade de que os próprios estudantes produzam vídeos interessantes com recursos relativamente simples.

Trechos do documentário O mundo global visto do lado de cá (Sílvia Tendler, 2006)⁴⁰ também foram assistidos e comentados. Percebi que alguns não se interessaram tanto pelo aspecto estético do filme, bem como sua narrativa, apesar de terem reconhecido a importância e relevância do discurso em questão. O reconhecimento veio ao constatarem que a situação retratada pelo filme em 2006 ainda é existente atualmente, e em alguns casos, ainda pior.

³⁹ Disponível em < <http://www.emdialogo.uff.br/festival/videos/4401>>

⁴⁰ Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM>

Figura 7 – Cena do documentário O mundo global visto do lado de cá (Sílvio Tendler, 2006)



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

O filme é conduzido por uma entrevista com o geógrafo e intelectual baiano Milton Santos e tem em sua composição recortes de imagens e registros audiovisuais diversos. O comentário foi de que a edição e os efeitos gráficos e visuais eram “*esquisitos e antigos*”. Reafirmando a importância de considerar que uma discussão a respeito da estética gráfica e visual de uma produção deve considerar seu contexto de produção bem como de sua exibição.

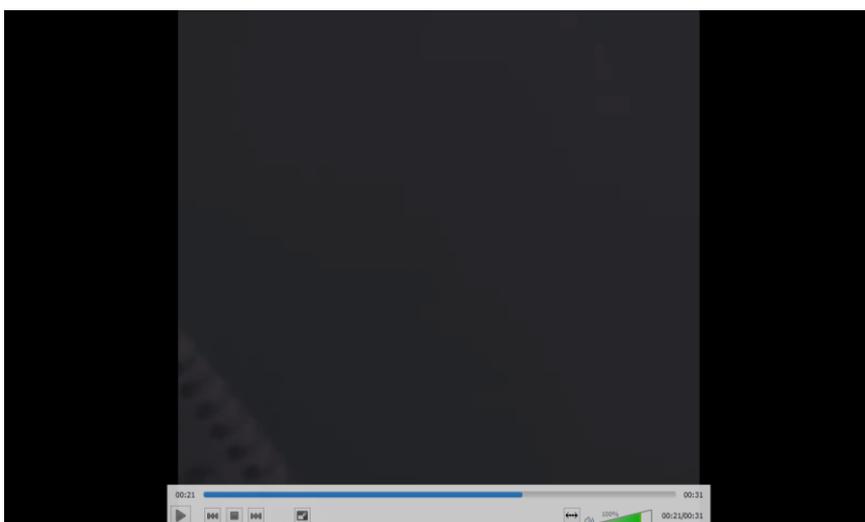
Havia levado muitos outros arquivos para possível exibição, mas no momento achei que seria mais interessante priorizar a exibição e reflexão de suas próprias produções. Levei pipoca e refrigerante para deixar mais lúdico e prazeroso nosso momento, além de considerar a ausência do lanche nos últimos encontros. A ideia foi muito bem recebida por todos e, antes de passarmos para o próximo momento, fui pegar a pipoca e as bebidas que havia guardado na sala dos professores da escola. Após esse primeiro momento de exibições e discussões, e do lanche descontraído com conversas sobre assuntos diversos, começamos a ver então as suas próprias produções – cujas reflexões foram iniciadas no segundo encontro e suas realizações foram em lugares diversos.

Foram três vídeos apresentados.

- O primeiro deles, feito individualmente por uma das jovens alunas, era um registro gravado no ambiente de sua casa com duração de aproximadamente 50 segundos. A imagem, escura o tempo todo. Entretanto deu pra inferir que o

celular estava voltado ou pelo menos próximo a seu rosto porque o áudio parecia bem direto - o conteúdo é uma letra de um Rap escrito e recitado por ela mesma. A letra falava de estar preparada, de ser resistente para enfrentar o que vier, sem negatividade e lembrando sempre da “*sua quebrada*”⁴¹”.

Figura 8 - Cena do primeiro registro audiovisual apresentado no 3º encontro da pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018)



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

Em seguida iniciamos as discussões. Ao perguntar o que tinham sentido e observado em relação aos vídeos, surgiram aspectos muito interessantes e essenciais, a meu ver. Em relação ao primeiro vídeo assistido, foi unânime o reconhecimento e aprovação da letra recitada pela jovem aluna. Concordamos que a letra falava sobre a cultura do rap e do hip hop e que esse era um elemento muito presente nas culturas juvenis atualmente, principalmente nas grandes cidades. Além da poesia profunda em seu dizer, um dos jovens chamou atenção e elogiou o recurso utilizado em relação à imagem, especificamente. Segundo ele, o fato de a tela estar escura o tempo todo, sem que fosse possível enxergar nada, valorizou e ressaltou ainda mais a letra recitada. Chegamos à conclusão, corroborada pela autora do registro, de que houve uma escolha consciente do plano filmado. Essa escolha se relacionou diretamente com o objetivo da filmagem (evidenciar o áudio) – e no caso, levou em consideração, por exemplo, aspectos técnicos de iluminação do local.

⁴¹ Gíria utilizada para se referir ao bairro onde mora ou nasceu. Remete pertencimento à um lugar.

- O segundo vídeo apresentado foi feito por um dos grupos do segundo encontro. Era o grupo que se questionou a respeito do que seria Culturas Juvenis. O vídeo era uma montagem de quatro cenas, com pouco mais de um minuto de duração ao todo. Uma das cenas registrava jovens andando de skate em uma praça; a outra mostrava jovens participando de uma batalha de rap também em uma praça, mas distinta da primeira; a terceira cena era um breve registro de jovens na fila do cinema em um shopping; a última cena mostrava jovens reunidos em frente a uma igreja, ao que parece aguardando o início de um culto.

Figura 9 – Cena do segundo registro audiovisual apresentado no 3º encontro da pesquisa *Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio* (2018)



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

Em relação ao segundo vídeo, foi explicado pelos jovens que o fizeram que cada um havia ficado responsável por registrar um momento que considerasse fazer parte do tema das culturas juvenis e que depois, esses momentos seriam montados juntos em uma edição simples, feita por um deles com a utilização de um aplicativo gratuito para o celular. Justamente por isso, com o intuito de facilitar o processo, os vídeos deveriam ser gravados pelo celular e não poderiam ser muito extensos para que os arquivos não ficassem grandes demais e conseqüentemente mais difíceis para compartilhar via internet.

A autora do primeiro vídeo logo comentou: - *Olha o Rap aí, fortalecendo a cena de novo!* Disse referindo-se ao momento que o registro mostrava uma batalha de rimas. Outro estudante complementou sua fala, dizendo que os jovens também procuram Deus e que isso fazia parte da cultura de alguns. Foi nesse momento que a discussão caminhou no sentido de entender que esse único vídeo, mostrava mais de uma característica das culturas juvenis e que portanto não existe só uma característica que define a cultura juvenil. A partir do olhar mais cuidadoso nas quatro cenas que compõem o vídeo, ficou evidente que a referência à dimensão da religião, da música, do esporte e do lazer dentro do tema das culturas juvenis. Aproveitei a conversa dos jovens para lembrar que, mesmo dentro de cada uma dessas dimensões, existe ainda uma diversidade grande e formas de ser e se identificar completamente diferentes.

No que diz respeito à edição do vídeo, os participantes disseram que ficou um pouco esquisito porque algumas cenas estavam *“filmando de perto e outras de longe*. Ou seja, a constatação de que o fato de não terem pensado previamente nos planos e enquadramentos das imagens pode ter influenciado o resultado final e causado essa sensação estranha ao ver o registro completo.

- O terceiro e último registro apresentado foi feito individualmente por um dos jovens que não estava presente no segundo encontro, mas que através de mensagens trocadas pelo Whatsapp tomou conhecimento da proposta. O registro filmava o momento em que uma torcida organizada chegava ao estádio e também tinha duração de cerca de 1 minuto.

Figura 10 – Cena do terceiro registro audiovisual apresentado no 3º encontro da pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018)



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

A conversa sobre o terceiro vídeo começou em tom de brincadeira e sarcasmo entre alguns estudantes, motivada pelo fato de que o time filmado é de Belo Horizonte mesmo. Tive um diálogo bastante interessante com um dos estudantes e vou reproduzi-lo aqui:

-Curti a galera do vídeo aí, mas futebol não é coisa só da juventude não, olha lá o tanto de tiozão⁴² na filmagem!

-Concordo com você. Não é só da juventude mesmo não. O gosto e envolvimento com o futebol no Brasil é presente em toda a população, de forma geral. E inclusive identifica o brasileiro. Aqui é conhecido por ser o país do futebol, não é?! Mas lembre-se da cena dos jovens em frente à igreja, no vídeo que assistimos antes desse. Religião também não é uma marca só da juventude, concorda?

-Concordo, fessor. Por isso que fiquei na dúvida com a religião ali também. Olha só... o Rap, o skate, a batalha de MC's lá na praça e até o cinema eu concordo que é cultura da juventude. Agora o futebol e religião acho que é geral mesmo, entende?

-Entendo o que você está dizendo sim. Mas gostaria que todos pensassem nesse ponto importante que você levantou. Para fazer parte das chamadas Culturas Juvenis, tem que ser

⁴² Gíria utilizada para se referir às pessoas adultas, mais velhas e do sexo masculino.

manifestações e características exclusivas dos jovens? Como que a gente ia fazer pra delimitar isso então? Acho que pra ajudar a responder a gente poderia pensar em uma outra pergunta... O que é ser jovem? Ou o que é a juventude?

Após alguns minutos de conversa, com participação de quase todos os presentes as/os jovens entenderam que todos os vídeos retratavam sim aspectos das Culturas Juvenis porque a juventude é diversa, porque existem várias formas e várias identidades entre os jovens e que, mesmo que existam uma série de características e comportamentos que os diferem, as experiências vividas na juventude podem sim incluir aspectos comuns e corriqueiros ao modo de vida dos adultos ou das crianças, por exemplo.

Apesar de o tempo ter se esgotado e a conversa precisar ser interrompida nesse ponto, ela foi extremamente importante. Pedi então que fossem embora refletindo sobre os aspectos discutidos e os jovens disseram que gostariam de fazer outras imagens e registros depois de terem tido contato com essas novas referências. Concordei e achei ótima a ideia. Disse então que marcaríamos o próximo encontro, mediante disponibilidade da escola e de nossas atividades de reposição, como havia feito nos anteriores - via Whatsapp.

Um aspecto fundamental nessa breve análise é importante para a construção dos saberes desse trabalho é a constatação de que as conversas realizadas com e entre as/os jovens estudantes, sobretudo no terceiro encontro, permearam a todo tempo os estudos de Carrano e Martins (2011), Dayrrel (2009), Fanfani (2000) e Pais (1990) a respeito da construção das categorias Juventudes e Culturas Juvenis enquanto categorias analíticas para a disciplina da Sociologia.

De acordo com Carrano e Martins a escola só poderia dialogar com as juventudes a partir do reconhecimento dessas Culturas Juvenis e, a instituição bem como os professores e suas práticas desempenhariam um papel importante nesse movimento,

“A instituição escolar e seus professores podem abrir campos ao entendimento adotando a investigação e a escuta como ferramentas para a compreensão das identidades e comportamentos de seus jovens alunos e de suas jovens alunas que são simultaneamente criadores e criaturas da diversidade das culturas dos grupos juvenis presentes na sociedade urbana. As culturas juvenis que se apresentam em constante ebulição nos diferentes espaços escolares podem oferecer referenciais empíricos para o entendimento da juventude enquanto categoria analítica”(CARRANO E MARTINS, 2011 p.54)

Em busca de reflexões no sentido de esclarecer qual ou quais seriam a/as identidade(s) juvenis, José Machado Pais introduz o chamado paradoxo da juventude assim entendido:

“Se as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de «juventude», como podem, também, ser derivados ou assimilados¹: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da sociologia da juventude), quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista). Aos diferentes sentidos que o termo «juventude» tem tomado e às manifestações de sentido contrário que entre os jovens é possível encontrar —nos seus comportamentos quotidianos, nos seus modos de pensar e de agir, nas suas perspectivas em relação ao futuro, nas suas representações e identidades sociais— chamarei, em termos latos, os paradoxos da juventude.” (PAIS 1990 pp. 140 e 141)

Dessa maneira, as Culturas Juvenis aparecem como campo de espaços e práticas privilegiadas para se fazer essas reflexões, e foi justamente a partir desse campo que os estudantes levantaram questionamentos bastante relevantes, do ponto de vista sociológico, fundamentando suas problematizações em uma visão de mundo particular, provocada a partir do desenvolvimento do trabalho exposto, pela experiência com o audiovisual (cinema). Percebemos então que, no contexto aqui discutido, foi a própria juventude, a partir da vivência dessa prática, que contribuiu no entendimento “de si” enquanto categoria analítica para as ciências sociais.

CAPÍTULO 6

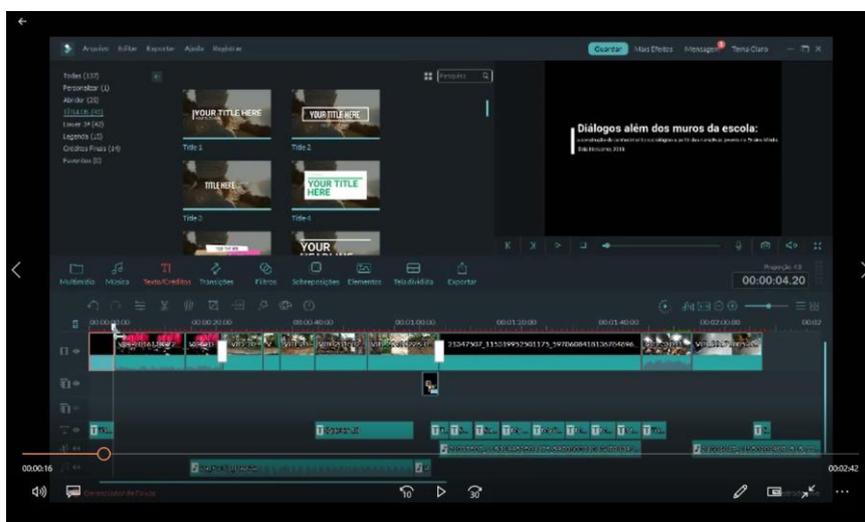
6. Pós-produção

6.1 Análises preliminares.

As produções audiovisuais realizadas nos encontros (oficinas) pelas/pelos jovens se restringiram aos três encontros (por motivos já explicitados) e por isso houve pouco tempo disponível para sua reflexão. Embora seja possível perceber que a discussão prévia a respeito do tema sugerido já provocou reflexões significativas que os levaram a buscar e a pesquisar conteúdos sociológicos relevantes, se considerarmos o contexto de ensino da disciplina no Ensino Médio.

Por outro lado, a experimentação do fazer audiovisual possibilitou que de uma forma geral elas/eles ampliassem o entendimento acerca do cinema na medida em que puderam perceber que a imagem diz e expressa muitas coisas, inclusive muito do que também não está na imagem. Os estudantes participantes da pesquisa se organizaram para a produção e edição de um novo registro audiovisual, que conseguisse contemplar elementos discutidos nos encontros e que concretizasse uma conclusão de uma das etapas do trabalho. Enquanto orientador da atividade, me dispus também a participar dos processos de montagem, edição e finalização do vídeo. Dividimos algumas das tarefas pelo *Whatsapp* e a partir das discussões chegamos aos acordos necessários para a conclusão da produção.

Figura 11- Cena mostrando o processo de edição da produção audiovisual final da pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018)



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

O processo de montagem e edição da produção audiovisual final foi realizado utilizando um Notebook com especificações técnicas medianas e contou com a participação de três dos estudantes da pesquisa e do professor, pesquisador e orientador da atividade. O *software* utilizado para a realização das tarefas possui versão gratuita (limitada), mas que reúne as ferramentas necessárias ao fim que se destina o trabalho. A escolha do programa se deu levando em consideração somente a experiência prévia de um dos participantes da pesquisa com o mesmo, já que existem inúmeros *softwares* e aplicativos destinados aos mesmos fins, com versões gratuitas que podem ser encontrados com uma pesquisa simples na internet.

O processo durou cerca de três horas e aconteceu em uma quarta-feira no período da tarde, no início do mês de Novembro. Mesmo não estando programado no início da pesquisa, a realização desse último encontro foi possível porque os estudantes eram matriculados no turno da manhã e tinham disponibilidade as quartas-feiras a tarde. A Direção da escola também contribuiu de maneira significativa para a realização da atividade, na medida em que liberou a utilização da sala de vídeo nesse dia.

Figura 12 - Cena gravada na Praça Engenheiro Jorge Mansur, ao lado da Escola Francisco Menezes Filho. Produção audiovisual final pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018)



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

Em uma das discussões para a seleção das imagens e montagem do filme propus que

fizéssemos um *take*⁴³ da praça e do muro da escola, com o objetivo de ilustrar o espaço e local das tramas e acontecimentos do trabalho, dos encontros e das vivências experimentadas por nós. A ideia foi prontamente aceita e caminhamos em direção à área externa da escola para fazer a gravação. Como a ideia era a de fazer uma cena sem interrupções sugeri que usássemos o carro e que, enquanto eu dirigia o veículo os estudantes fizessem a gravação. Realizamos a ideia e o resultado foi bastante interessante.

Nas conversas pelo Whatsapp e nos encontros presenciais a tônica era a de que não poderíamos deixar de destacar o Rap como um elemento muito importante para a cultura juvenil atualmente. Decidimos então por utilizar a gravação realizada no Duelo de MC's já exibida em um dos encontros presenciais, além de extrair o áudio da narrativa apresentada pela *Cigana MC* e fazer uma montagem utilizando-o como trilha para algumas outras imagens.

Figura 13 - Cena apresentada em vídeo no 3º encontro e editada para a produção audiovisual final da pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018)



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

⁴³ Take ou tomada, no cinema e audiovisual é um trecho de filme gravado ininterruptamente.

Figura 14 - Cena mostrando os créditos da produção audiovisual final pesquisa Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio (2018)



Fonte: Captura de tela pelo autor (2018)

Além das imagens registradas pelos estudantes e dos arquivos audiovisuais editados e montados utilizamos também, no produto final, algumas ferramentas básicas para inserção de efeitos de transição entre imagens, sincronização de legendas e quadros de textos com informações pertinentes e complementares às imagens. O resultado final nos surpreendeu positivamente porque foi realizado em pouco tempo, considerando que ao decorrer do processo de finalização o clima era também de descontração. A vivência e experimentação da produção audiovisual nos mostraram claramente como o processo é fundamental na constituição dos saberes e conhecimentos inerentes ao fazer audiovisual.

Espera-se ainda realizar uma reflexão com as/os participantes, através de uma perspectiva sociológica, da recepção e apropriação dos filmes. Qual seja, estabelecer um diálogo com as ideias de Geimer (colocar o ano de edição da obra) para fundamentar as reflexões e análises acerca da vivência e realização do trabalho. Segundo o autor e a partir dos resultados obtidos em uma pesquisa feita com alguns jovens, os filmes são recebidos de dois modos distintos:

(...) de um lado, filmes são consumidos como uma fonte de interação grupal e como performance de relações sociais.[...]De outro, filmes são utilizados como fonte para experienciar o mundo, o que implica uma certa conectividade entre a prática social mostrada em um filme e a prática da vida cotidiana do público. (GEIMER p.139)

A análise proposta por Alexander pensa nas práticas culturais de recepção e apropriação de filmes a partir da perspectiva da Sociologia Praxeológica do Conhecimento. A questão pertinente para esse trabalho diz respeito à verificação ou não desses modos de recepção dos filmes em relação às próprias produções dos estudantes. Ou seja, essa apropriação e recepção, seja como fonte de interação grupal, seja como fonte para experienciar o mundo, também acontece quando os jovens alunos se relacionam com suas próprias criações?

Entender, interpretar e refletir sobre essa relação (que só será possível a partir da análise cuidadosa de relatos das experiências vividas pelos sujeitos) será fundamental para pensar em que medida essa outra prática pedagógica pode ressignificar relações desses sujeitos em suas práticas cotidianas. Essas formas de apropriação do audiovisual já discutidas no trabalho foram também experimentadas ao decorrer da pesquisa? Ou a relação dos jovens com a proposta apenas aconteceu com o intuito de realizá-la, na prática como sendo mais uma tarefa ou trabalho proposto por algum professor?

6.2 Considerações Finais

A pesquisa apresentou justificativa e elementos para o entendimento do audiovisual enquanto experiência de socialização, que contribuiu no desenvolvimento da autonomia e criatividade em um contexto interdisciplinar escolar, embora a realização do trabalho tenha sugerido a possibilidade de identificar que a presença a priori do audiovisual no cotidiano dos sujeitos da pesquisa pudesse estar relacionada à sua utilização, sobretudo como linguagem.

Bahktin (1992),(2003) pensa a língua como interação. Nesse sentido, ao pensar a linguagem ele necessariamente considera suas dimensões políticas, sociais e culturais. Pensar o contexto da língua e considerar sua centralidade nos processos dos discursos é uma das grandes contribuições desse autor. Acredito que essas reflexões são bastante pertinentes para entender como se dão os processos de legitimação ou negação das narrativas dos jovens alunos dentro da escola. Dessa forma, a linguagem é, por constituição, dialógica. Portanto, a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa. Ao partirmos dessa análise podemos compreender melhor as relações de poder, de disputa e de conflitos existentes no campo da linguagem. A língua é dialógica e complexa, pois nela se imprimem historicamente e pelo uso, as relações dialógicas dos discursos.

A partir da experiência vivida com o trabalho fica evidente um caráter importante, a meu ver necessário na experiência de fazer Sociologia no ensino básico - a

interdisciplinaridade. A produção audiovisual com os jovens alunos no contexto aqui trabalhado não se restringe somente à disciplina da Sociologia, mas envolve pelo menos a Antropologia e a Ciência Política (sem dizer das outras disciplinas presentes nos currículos escolares que também são constituintes dos saberes das Ciências Sociais, tais como a História, Geografia, Artes, Filosofia, etc.).

Para ser mais claro, poderia dizer que a legitimação dos olhares e dessas narrativas trabalhou sociologicamente as histórias e os modos de ser e se expressar dos jovens. A produção audiovisual suscitou discussões sociológicas, mas também antropológicas acerca da cultura. E a contextualização dessa produção (cenário de desigualdade, vividas por esses jovens dentro e fora do sistema educacional) trabalha a Ciência Política, questionando o poder, a informação e a configuração política no mundo atual.

Somando-se à essas conexões - que em minha hipótese, são fundamentais para efetivar a transposição das teorias - considero a importância também de reflexões próprias do campo das artes visuais e da geografia.

Artes e culturas dialogam de maneiras muito próximas e, portanto, considerar a escola como espaço sociocultural é enfatizar a interlocução existente entre essas disciplinas. De acordo com Viana

(...) entendendo que as artes abrangem os sentidos mais específicos de produção, apreensão, compreensão e expressão sensível e simbólica das experiências individuais e coletivas. Por meio delas, podemos expressar de forma criativa nossas idéias, experiências e emoções, construir conhecimentos e relações com o mundo, utilizando formas, sons, signos e gestos. O estudo das Artes nas escolas envolve entendimentos e aprofundamentos dos seus aspectos conceituais, relacionais, históricos, técnicos que envolvem sua produção, seja na Música, na Dança, no Teatro, nas Artes Visuais e nas Audiovisuais. (VIANA, 2014 p.251)

Dessa forma, a experimentação dessa outra prática pedagógica é também uma prática artística cultural, que sinalizou possibilidades de vivência de um processo de criação audiovisual no ambiente escolar. Foi possível perceber que fazer, ver e contextualizar esse trabalho constitui uma parte importante na construção dos conhecimentos para os jovens alunos do ensino médio público em Belo Horizonte. É importante enfatizar que essa pesquisa e sua prática não tiveram como objetivo escolarizar as experiências e narrativas desses jovens, mas sobretudo compreender que a produção e a legitimação dessas práticas na escola

poderiam servir para a construção e compartilhamento de novos saberes. Ou seja, é trabalhar com a ideia de que o caráter cotidiano e espontâneo dessas narrativas é sim importante na construção dos conhecimentos escolares, mais especificamente no conteúdo de Sociologia do ensino básico.

De maneira mais abrangente, podemos pensar um pouco na relação entre Cinema e Educação, citando a autora Rosália Duarte (2002) que trabalha o cinema não apenas como um recurso didático para ser utilizado pelos professores, mas o situa – do mesmo modo que a educação - como uma forma de socialização dos indivíduos e instâncias culturais na produção de subjetividades, saberes e identidades. É ancorado nesses elementos que o desenvolvimento desse trabalho problematizou a importância das narrativas dos jovens alunos no processo de construção e compartilhamento do conhecimento sociológico no ensino médio. Tal perspectiva encontra sentido também no trabalho de outros autores, como Teixeira:

Observando-os sobre várias luzes, ângulos, perspectivas, os planos fílmicos encenam a escola observando-a, assim como esta os observa. Nas imagens e enredos, na montagem, não raro a criação cinematográfica se enquadra no mesmo espanto do ato educativo. Nestas seqüências e planos, educação e docência se (re)conhecem em uma mesma inquietação diante do mundo, mirando-o com pensamentos, imaginação e sensibilidades que o interpelam, procurando compreendê-lo para reinventá-lo de forma mais bela, em formas mais belas. Denunciam e anunciam horizontes de possíveis, em umas semelhantes e distintas indagações diante de nossas infâncias e juventudes, de suas vidas e histórias, matéria viva da educação (TEIXEIRA, 2011)

A ideia da produção audiovisual surgiu em função da observação do contexto de minha prática docente e através de sugestões dos próprios jovens que desempenham também o papel de serem meus alunos. Retomando as ideias de Sales (2014) é necessário problematizar que a referida produção trabalhou um ponto fundamental que coloca em xeque a relação de poder e as hierarquias de saber na sala de aula: os jovens, de modo geral, podem ter um grau mais elevado de conhecimento e experiência técnica e/ou tecnológica do que os docentes.

Em outras palavras, quero dizer que os jovens alunos podem ter bastante domínio e conhecimento das técnicas utilizadas, dos modos de se fazer, produzir e pensar nas produções audiovisuais. Esse aspecto pôde ser comprovado na medida em que as dúvidas surgidas durante o processo dizem mais a respeito da temática proposta do que em relação à utilização

das tecnologias e técnicas digitais. Menciono essa questão para discutir o fato de que tenho observado a crescente e significativa divulgação e produção de conteúdos audiovisual na internet. Um bom exemplo observado por mim ao navegar pela internet e já vivenciado inclusive na experiência dentro da sala de aula é a popularização dos Canais na plataforma *Youtube*, sendo que já existe o reconhecimento dos responsáveis por essa produção além do que uma simples ocupação por *hobby*, mas como profissão: são os *Youtubers*. É importante ressaltar que grande parte dessa produção é realizada pelos próprios jovens, muitas das vezes com recursos limitados.

A discussão da técnica envolvida na produção, além das artes visuais, articula-se também com uma análise geográfica do espaço e das relações. As teorias do geógrafo brasileiro Milton Santos são bastantes pertinentes para justificar os resultados até então obtidos por essa pesquisa. O autor defende a ideia de que com meios limitados (da informática e tecnologia) também se faz opinião; também se produz coisas e artefatos centrais na reelaboração da história. Quero dizer que com um celular ou câmera digital (algo acessível hoje em dia até mesmo nas escolas, por exemplo) é possível produzir vídeos que, em alguns casos, sejam acompanhados por milhões de seguidores online. Mas que independente do número de seguidores, eles se tornam significativos na legitimação dos discursos até então negados desses jovens em suas experiências escolares e de vida.

A partir dessas articulações, essa pesquisa procurou refletir também como se utilizar da técnica apropriada pelos jovens alunos, na resignificação da construção do conhecimento sociológico no ensino médio e na libertação dos discursos negados em um mundo globalizado, onde as oportunidades nas vidas desses jovens são desiguais e onde a educação brasileira, através de questões práticas e estruturais, inibe também novas formas de construção do conhecimento e de assertividade. É importante ressaltar que o projeto prático e político existente nessa pesquisa encontra amparo nas discussões de Milton Santos em como o mundo pode ser: uma outra globalização.

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apóia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade. Tais novas condições tanto se dão no plano empírico

quanto no plano teórico (SANTOS, 200 p.20)

Desta forma, é possível constatar que existe sim a possibilidade da construção de novos discursos, novas narrativas, novos relatos e novas práticas que ressignifiquem os conteúdos próprios da disciplina de Sociologia no Ensino Médio. E que, através desse tipo de produção, os jovens alunos podem produzir cultura e política ao mesmo tempo, despertando também a curiosidade e uma visão crítica a respeito do mundo em que vivem.

Migliorin (2015) destaca a importância da vivência de uma prática com o cinema em contextos escolares, sobretudo no sentido de criar lugares que possibilitem transformações nos sujeitos envolvidos nesses processos.

Confiemos ao cinema duas possibilidades de experiência, com a própria criação e com a diferença – experiências que andam juntas. Entendemos que estas experiências estão diretamente ligadas às transformações subjetivas de professores e estudantes, transformações essas que afetam a comunidade como um todo. Mas nada disso terá sentido se a todo momento a escola for uma máquina hierarquizadora que não cessa de ensinar ao aluno que ele é incapaz. (MIGLIORIN, 2015. P. 64)

Transformações essas que sinalizam a possibilidade de emancipação, sobretudo das/dos jovens sujeitos. E a importância dessa emancipação no contexto da educação está relacionada com a própria construção do conhecimento, na medida em que essa capacidade emancipatória é que representa a potência e as possibilidades de ser, ver, sentir, escutar e dizer dos sujeitos. O trabalho aqui apresentado fundamentou-se no reconhecimento e na legitimação das narrativas desses jovens estudantes como sendo bastante importantes para ressignificar, a partir da experimentação e vivência da produção audiovisual, espaços e saberes da prática docente. Buscando concretizar, a partir da prática, uma produção criativo-pedagógica.

A emancipação não demanda dois sujeitos, o *emancipado* e o *a emancipar*. Sem essa divisão, a criação no ambiente educacional demanda do mestre e das propostas colocadas em prática um gesto de abertura ao que pertence aos alunos e à multiplicidade de mundos trazidos por eles. Antes de um lugar de hierarquia entre aquele que sabe e o que não sabe, a emancipação demanda um estado de criação e montagem entre os diversos atores envolvidos em uma produção criativo-pedagógica. (MIGLIORIN, 2015. P.68)

Penso que essa pesquisa acerca da vivência e experimentação do audiovisual no contexto das aulas de sociologia contribuiu efetivamente para a criação de momentos e

possibilidades onde foi reconhecida a importância das narrativas dos jovens alunos na construção do conhecimento sociológico. Pensar nos sujeitos envolvidos com o objetivo de compreendê-los em suas relações cotidianas dentro e fora do contexto escolar foi fundamental para desenvolver essa análise e realizar essa produção. Concretizando, portanto, a vivência de um movimento contínuo – que se estenderá para “além dos muros da escola” – e que possibilitará reflexões constantes desse indivíduo em relação às estruturas sociais e que dê à esses jovens a potência da capacidade de articular suas ações com seus pensamentos e convicções.

O produto audiovisual surge, juntamente com a dissertação, como possibilidade de contar, a partir do registro, a memória-ideia de como fazer a pesquisa.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Os Gêneros do discurso*. In: _____ *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2010.

BERGALA, Alain. *A hipótese cinema*. Trad. Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ: 2008. (Coleção Cinema e Educação).

BOURDIEU, Pierre (org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis, Vozes, pp. 321-338, 1997.

BRASIL. Lei Nº 13.006, de 26 de junho de 2014, Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Diário Oficial da União. Brasília, DF 27/06/2014, p1.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. In: _____. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15, 1998.

CARRANO, Paulo. C. & MARTINS, Carlos Henrique S. *A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar*. Revista Educação(UFSM), v. 36, n. 1, jan./abr. 2011. 14 p. Texto digitalizado.

CARRANO, Paulo. DAYRELL, Juarez Tarcisio. *Juventude e ensino médio: Quem é este aluno que chega à escola*. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.) *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-133.

CHARLOT, B. *Da relação com o saber. Elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000. Cap. 4.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. *A escola como espaço sócio-cultural*. In: DAYRELL, Juarez Tarcisio (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. P. 136-161.

_____. *A música entra em cena: o funk e o hip hop na socialização da juventude em Belo*

Horizonte. Tese Doutorado em Educação – USP, São Paulo, Ano de obtenção: 2001.

_____. *Os significados da escola de ensino médio para os jovens alunos*. Outro Olhar. Revista de Debates, Belo Horizonte, ano X, n. 7, ago.2011. p.24-29.

_____. *Uma diversidade de sujeitos. O aluno do Ensino Médio: o jovem desconhecido*. In: *Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio*. Salto para o futuro. Ano XIX boletim 18 – p. 16-23. Novembro/2009 ISSN 1982 – 0283

DAYRELL, Juarez & REIS, Juliana Batista. *Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no Ensino médio*. Texto apresentado no XIII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, Recife, maio de 2006 e publicado em: OLIVEIRA, Evelina Antunes e PLANCHEREL, Alice Anabuki. *Leituras sobre sociologia no ensino médio*. Maceió: Edufal. 2007.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.) *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUARTE, Rosália. *Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, (p. 126)

DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. Trad. Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Coleção Textos Fundantes de Educação).

FANFANI, Emilio Tenti. *Culturas jovens e cultura escolar*. Documento apresentado no seminário “Escola Jovem: um novo olhar sobre o ensino médio”. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Coordenação-Geral de Ensino Médio (Org). Brasília, 7 a 9 de junho de 2000.

FAVRET-SAADA, J. *Ser afetado* (tradução de Paula de Siqueira Lopes). Cadernos de Campo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FRAGA, Fernando Caramuru B.; ROSA, José Henrique A.; ARÃO, Lilian (Orgs.). Fundação Guimarães Rosa. *Dez olhares sobre juventude e cultura* /. 1. ed. Belo Horizonte: Patrícia Pierazoli Guerra, 2011. 239 p. , il.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D'água, 1993, p.82.

GEERTZ, Clifford. *Por uma teoria interpretativa da cultura*. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1973.

GEIMER, Alexander. *Práticas culturais de recepção e apropriação de filmes na perspectiva da Sociologia Praxeológica do Conhecimento*. In: WELLER, W.; PFAFF, N. Metodologias da pesquisa qualitativa em educação. 2. Ed., Petrópolis, Rj: Vozes, 2011. p. 135-150.

HOLLEBEN, I. M. A. D. de S. *Cinema & Educação: diálogo possível*. 2007. Disponível em: <www.moodle.ufba.br/mod/resource/view.php?id=69103>. Acesso em: 21/12/2017.

LARROSA, Jorge. “*Ensaio erótico – Experiência e paixão*”. In: Linguagem e Educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 151-165.

LAVE, Jean. *Teaching, as learning, in practice*. Mind, Culture and Activity 3: 149-164. 1996.

_____. *Hacia una ontología social del aprendizaje*. Revista de Estudios Sociales No. 40.rev.estud.soc. Bogotá, pp. 12-22. agosto de 2011.

LEAL, Álida; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. *Fios e desafios da docência no ensino médio*. Outro Olhar. Revista de Debates, Belo Horizonte, ano X,n. 7, ago.2011.p.17-20.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. *Pedagogia de Projetos: intervenção no presente*. Revista Presença Pedagógica, v. 2, n 08. Belo Horizonte: Dimensão, Mar./Abr., 1996. Disponível em: <<https://edufisescolar.files.wordpress.com/2011/03/pedagogia-de-projetos-de-lc3bacia-alvarez.pdf>> Acesso em: dez. 2017.

LUCIANO, Graziella. VILAÇA, Sérgio. (Idealizadores) *Horizontes Periféricos*. Apostila do curso de audiovisual Horizontes Periféricos. Belo Horizonte, 2017.

MIGLIORIN, C. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. 1ed. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

PAIS, José Machado. *A construção sociológica da juventude: alguns contributos*. Análise Sociológica, 1990, v. 25, n. 105-106.

SALES, Shirlei Rezende. *Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do ensino médio*. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.) Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 229-248.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência*

universal. 4ªed. Rio de Janeiro: Editora RECORD, 2000.

SARANDY, F. M. S. *Reflexões acerca do sentido da sociologia no Ensino Médio*. Desenvolver a perspectiva sociológica: objetivo fundamental da disciplina no Ensino Médio. Revista Espaço Acadêmico, n. 05, outubro de 2001. Disponível em <www.espacoacademico.com.br/005/05sofia.htm>. Acesso em: 20/12/2017

SCHMITT, Miguel Ângelo. *Ação-Reflexão-Ação: a prática reflexiva como elemento transformador do cotidiano educativo*. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, n° 25, mai.-ago. 2011, p. 59-65.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Conteúdo Básico Comum – Sociologia (2008). Educação Básica - Ensino Médio.

Sociologia hoje: volume único: ensino médio. Igor José de Renó Machado [et al.] – 1ed. São Paulo: Ática,2014.

TADEU, Tomaz (Org. e Trad.) *Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano – 2. ed.* – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. – (Mimo)

TEIXEIRA, I.A.C. *Sob a "Câmera de Nestor Canclini": ancoragem para encontros entre cinema e docência*. In: Encontro Internacional da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema, 15, 2011, Rio de Janeiro. Resumos expandidos. Disponível em <<http://www.socine.org.br/anais/2011/interna.asp?cod=596>> Acesso em 18 de set. 2015.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. *Uma carta, um convite*. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.) *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 11-41

VIANA, Maria Luiza. *Estéticas, experiências e saberes: artes, culturas juvenis e o ensino médio*. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.) *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p.249-268.

ANEXO 2 - Proposta artístico-cultural

Proposta para realização de um evento/projeto artístico-musical na Escola Estadual Francisco Menezes Filho.

Projeto Cores e Sabores do Som

Objetivo Geral:

Esse projeto tem por objetivo promover um momento lúdico e, mais do que isso, trazer cultura, entretenimento e sobre tudo ARTE para a comunidade escolar, fazendo uso do espaço escolar público.

Objetivos Específicos:

- ✓ Promover a inserção das práticas e manifestações culturais no cotidiano escolar.
- ✓ Dar voz e reconhecer as práticas e produções artísticas dos estudantes.
- ✓ Estimular a iniciativa dos jovens alunos na organização e ocupação dos espaços na escola.
- ✓ Legitimar o caráter sociocultural da escola, com a naturalização desses momentos.
- ✓ Reconhecer a centralidade da Música e das Artes nos processos de socialização e prática da cidadania.
- ✓ Ressaltar a importância das manifestações artísticas para transformação dos espaços e da rotina escolar.
- ✓ Incentivar a criatividade, a produção artística, o encontro e as parcerias entre os estudantes.

Justificativa:

A música é uma expressão artística que tem o poder de transportar atmosferas, despertar sentimentos, veicular ideias, reflexões e expressar os mais profundos afetos da alma mediante o som. Algo de tamanha proporção, não somente é válido, como também relevante no espaço escolar.

Pensar a escola como um espaço ciocultural é reconhecer, sobretudo, a centralidade

dos processos de produção, consumo, manifestação, criação e ressignificação cultural protagonizados pelos jovens e existentes no ambiente escolar. A música surge nesse contexto como um dos produtos culturais mais consumido por grande parte desses jovens alunos.

Sendo assim, esse projeto prevê a atuação de indivíduos cidadãos no espaço público fazendo algo que serve de acréscimo para a comunidade, a formação humana e a transformação social. Obs: SEM ATRAPALHAR OU INTERFERIR NEGATIVAMENTE nas demais atividades e programações escolares.

E ainda, tendo base na LDB (Lei de Diretrizes Básicas) que ampara os ideais desse projeto enquanto:

- **Manifestação cultural**

Título I- DA EDUCAÇÃO

Art.1

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

- **Meio de compartilhamento e troca do conhecimento artístico musical**

Título II- DOS PRINCÍPIOS E FINS DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Art.3

O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

II- Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte.

- **Meio de acesso à arte**

Título III- DO DIREITO À EDUCAÇÃO E DO DEVER DE EDUCAR

Art.4

O dever do Estado com a educação pública será efetivado mediante a garantia de:

V- acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um.

Um fator educativo (dentro das diretrizes básicas) e possibilitador de iniciativas

estudantis

Título V

Capítulo II- DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Seção IV- Do Ensino Médio

Art.36. O currículo do Ensino Médio observará o disposto na Seção I deste capítulo e as seguintes diretrizes:

I-Destacará a educação Tecnológica Básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes, o processo histórico de transformação de sociedade e da cultura; e língua portuguesa como instrumento de comunicação e exercício da cidadania.

II-Adotará metodologias de ensino de avaliação que estimulam a **iniciativa dos estudantes**

Execução e normas do projeto

Sobre a execução:

- Ocorrerá durante o recreio, e somente durante esse momento.
- Ocorrerá em dias letivos, pois um dos ideais é fazer com que o movimento artístico musical não seja uma anormalidade no meio escolar, mas faça parte da “rotina” de estudantes que se manifestam e atuam no espaço público.
- Os instrumentos (transporte, montagem, empréstimos e possíveis danos) serão responsabilidade de seus respectivos donos.
- A montagem será feita pouco antes do recreio (em silêncio). A desmontagem será feita logo depois do sinal de término do recreio.
- Será feita uma breve passagem de som para regulagem após o começo do recreio. Após isso, será tocado um instrumental de tempo determinado (tal determinação será feita nos ensaios do instrumental) para que termine antes ou junto com o recreio. Caso não dê tempo de acabar a música, ela será encerrada junto com o término do recreio, para que possa começar a desmontagem dos aparelhos e o retorno a aula.
- Inicialmente o evento aconteceria mensal ou bimestralmente, a depender da adesão e organização das/dos participantes.

ANEXO 3 – Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Diálogos além dos muros da escola: a construção do conhecimento sociológico a partir das narrativas juvenis no Ensino Médio.

Pesquisador: MARIA Amália de Almeida Cunha

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 78887317.6.0000.5149

Instituição Proponente: Faculdade de Educação/UFMG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.450.130

Apresentação do Projeto:

o projeto está no contexto da educação de Sociologia a jovens. Espera-se que ao final da pesquisa, após a realização de Oficinas de AudioVisual ministradas pelo pesquisador durante as aulas de Sociologia na escola, sejam produzidos pelos participantes três filmes de curta-metragem, sendo cada um deles relacionado à um dos Eixos Temáticos propostos (explicitados na metodologia detalhada proposta). Os estudantes serão divididos em três grupos de trabalho e cada grupo realizará a produção de um vídeo, de acordo com a divisão dos temas. Serão trabalhados com os alunos aspectos básicos da produção audiovisual para orientar os grupos na realização do trabalho. O pesquisador acompanhará todo o processo, mantendo o distanciamento necessário para que a produção seja uma narrativa autoral e coletiva das/dos estudantes.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo as autoras o principal objetivo do trabalho é promover uma reflexão sobre o ensino e aprendizagem de Sociologia a partir da vivência e experimentação de uma criação audiovisual pelos próprios jovens.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Para investigar a questão os procedimentos adotados envolverão a inclusão de uma oficina audiovisual nas atividades acadêmicas da disciplina de curricular de sociologia e os jovens deverão produzir um curta metragem. O audiovisual é um meio de comunicação, portanto os riscos

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos,6627 2º Ad SI 2005

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 2.450.130

existentes em sua produção, segundo os pesquisadores, são mínimos, restritos aos da manifestação e expressão de pensamentos, sentimentos ou ideias. A fim de minimizar qualquer risco de desconforto ou constrangimento durante a pesquisa estão garantidos pelos pesquisadores cuidados de respeito e ética, pautado pela legislação que trata dos direitos e deveres específicos da produção audiovisual. É garantido nos termos que os participantes poderão a qualquer momento relatar eventual desconforto e deixar de responder ou finalizar sua participação. Os benefícios são claros pois o objeto da pesquisa pode produzir informações importantes para maximizar conhecimento e melhorar as estratégias de ensino para a população em foco

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto tem mérito pois trata de um tema de relevância científica e social e está adequadamente formalizado. Foram atendidas as solicitações anteriores de melhorar a descrição metodológica e adequar os termos de consentimento e assentimento

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A meu ver os termos estão redigidos de maneira clara e concisa, contendo todas as informações relevantes e respeitando a formalidade exigida pela legislação, atendendo também às colocações da primeira avaliação do COEP

Recomendações:

Abaixo descritas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram atendidas as recomendações do COEP. Smj, somos favoráveis pela aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o COEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	23/11/2017		Aceito

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 2.450.130

Básicas do Projeto	ETO_1005722.pdf	17:21:02		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_A_PENDENCIAS.doc	23/11/2017 17:20:16	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
Outros	Detalhamento_metodologico_da_producao_esperada.docx	23/11/2017 17:19:00	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEResponsaveisLucas_modificado.docx	23/11/2017 17:16:10	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEProfessoresLucas_modificado.docx	23/11/2017 17:15:54	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termoCompromisso.jpeg	14/10/2017 14:13:04	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostaassinada.pdf	14/10/2017 14:12:41	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
Outros	ROTEIRO_ENTREVISTA.docx	29/09/2017 01:28:40	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Lucas.docx	29/09/2017 01:28:11	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoCompromisso_Lucas.docx	29/09/2017 01:27:33	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
Outros	Parecer_LucasNevesCoimbra.pdf	29/09/2017 01:27:19	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
Outros	cartaanuenciaAssinada.jpeg	29/09/2017 01:19:14	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoLucasCOEPfinal.docx	29/09/2017 01:17:17	MARIA Amália de Almeida Cunha	Aceito
Outros	788873176aprovacaoassinada.pdf	20/12/2017 10:54:09	Vivian Resende	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 2.450.130

BELO HORIZONTE, 20 de Dezembro de 2017

Assinado por:
Vivian Resende
(Coordenador)

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Página 04 de 04